

UBALDO TORRES DE ARAUJO

IGREJA DE VIDRO

*O HOMEM QUE SE LIBERTOU DO MEDO
E DA CULPA NÃO VIVE A VIDA DE NINGUÉM.
BASTA-LHE A SUA. NÃO É A ELE QUE ESTE
LIVRO É DEDICADO, MAS ÀQUELE QUE VIVE
A VIDA DE OUTREM POR EMPRÉSTIMO.*

1. O PORQUÊ DESTE LIVRO

A partir do momento em que O ADVENTISMO passou a ser exposto nas livrarias evangélicas do país, comecei a receber inúmeras cartas de irmãos adventistas, pedindo esclarecimentos e publicações a respeito de Ellen White. E como, ultimamente, cartas têm chegado com mais insistência, achei por bem publicar estes comentários, na expectativa de que eles venham a dirimir as dúvidas que incomodam a muitos.

Tendo eu vivido muitos anos entre os adventistas, pude, como era natural, constatar que nem todos os crentes com os quais mantive relações de amizade criam na inspiração divina dos escritos de Ellen White. Eu, de minha parte, não me incluía nesse rol. Muito ao contrário, desde cedo aprendi a colocar os livros dela no mesmo pé de igualdade com os de escritores bíblicos. Os meus mestres me haviam falado da sua infalibilidade doutrinária.

Veja só a que ponto chegava a minha submissão. Logo que O ADVENTISMO foi publicado, recebi uma carta de um amigo nordestino. Ele me fez recordar um fato curioso e até mesmo estranho na minha trajetória religiosa. Lembrou-me que me viu, certo sábado, subir ao púlpito, levando comigo a Bíblia e vários livros de Ellen White. Ao final do meu sermão, ele perguntou a si mesmo:

_ Para que esse homem conduziu a Bíblia para o púlpito ?

A pergunta era lógica e tinha sentido. É que eu li, na ocasião, vários trechos da Sr^a. White, enquanto que a Bíblia era simplesmente olvidada, e permaneceu intocável durante todo o sermão. Não a abri sequer.

Meu amigo não mentiu. Disse de fato a verdade. Não fiz isto apenas uma vez, tão doentia era a dedicação que emprestava aos escritos de Ellen White.

Mas chegou o dia em que tudo mudou. E que aliviadora mudança ! Uma percepção clara dos fatos que me cercavam tomou conta do meu ser. E agora, dentro da minha nova dimensão, sei situar Ellen White no lugar adequado. E essa colocação, segundo a minha concepção, está esboçada nos dezenove primeiros capítulos deste volume. Eles são a resposta mais clara, mais farta, às constantes perguntas que me têm feitos os leitores adventistas.

Utilizando-me dos oito capítulos da segunda parte deste livro, procuro responder a uma pergunta que evangélicos me têm feito:

_ Por que é tão difícil fazer com que um adventista abandone sua convicção religiosa ?

2.

DOIS ACONTECIMENTOS MARCANTES

No tocante às coisas religiosas, duas decepções marcaram minha vida. A segunda, de maneira mais forte do que a primeira. A primeira aconteceu em 1954, quando eu me tornei adventista do sétimo dia. Esperava encontrar no meu novo habitat o mar de rosas que minh'alma ansiava. Mas foi um engano. Encontrei lutas, interesses em choque, egoísmo, desejo de supremacia, etc. A cicatriz formada, no entanto, desapareceu a partir do momento em que tomei consciência de que eu mesmo estava imbuído do mesmo estado de imperfeição. Se eu era imperfeito, se em mim não havia qualquer brilho, que direito teria eu de me chocar com as falhas alheias? Acabei compreendendo que a igreja não era o fim da caminhada, mas o caminho por onde ainda estava viajando. E assim desapareceu a primeira cicatriz. A segunda decepção veio quase trinta anos depois. Esta sim, deixou uma marca profunda. Felizmente, agora, só a cicatriz permanece, porque a ferida já está sarada. A casca caiu.

Mas que decepção? Quando eu descobri que estava equivocado, depois de três décadas de convivência com um povo que orgulhosamente diz ser, com toda exclusividade, o povo de Deus, não me foi nada fácil suportar o tranco. Senti-me como um homem enganado e quase traído em seus propósitos. Não entrei, porém, em pânico. Eu já sabia que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus. Havia aprendido este ensinamento do apóstolo Paulo.

Os meus mestres me haviam ensinado, entre outras coisas, que os escritos de Ellen White eram inspirados na mesma medida em que são os dos escritores bíblicos. E a minha docilidade de discípulo sequioso de conhecer a verdade aceitou a "dádiva" com o suspiro de contentamento.

Por mais que meus bondosos mestres tentassem esconder os fatos (o que certamente fazem para não magoar as ovelhas do rebanho), chegou o dia em que, esfregando as mãos nos olhos, as remelas foram caindo pouco a pouco. E eu comecei a VER.

Imagine, leitor, que na escuridão da noite, você chega a uma mansão desconhecida.

Transpões a porta de entrada, com dificuldade, e nada vê, até que seus dedos vão de encontro ao interruptor, e você acende a primeira lâmpada da sala. Agora, já lhe é fácil encontrar e acionar os interruptores dos outros compartimentos, aproveitando a projeção da luz. Finalmente, com todas as lâmpadas acesas você tem a visão completa da bela mansão.

Assim aconteceu comigo. Devagar, mas com firmeza, fui fazendo o reconhecimento do terreno teológico em que estava pisando. E vi que não era firme.

**SE VOCÊ PERMITIR QUE A VERDADE
O PROCURE, ELA O ACHARÁ.**

3.

FOI ASSIM QUE NASCEU ESTE TRABALHO

Um dia estava em minha casa, quando recebi a visita de um amigo, homem culto e de educação primorosa. Eu já estava desligado da comunidade. Ele viera apelar (e o fez com toda seriedade) para que eu retornasse ao redil. Por esses tempos, minha mente era um verdadeiro redemoinho de dúvidas, certezas e incertezas. Um estudo minucioso de Romanos 14:5 e 6 me levava a crer que a Igreja Adventista estava equivocada quanto à sua interpretação. Em seguida, minha curiosidade me induziu a fazer um estudo comparativo entre os dois grande concertos. Também aqui minhas conclusões não casaram com o pensamento da Igreja. E assim, continuei examinando tudo, desprovido de preconceitos, e descondicionado. Sá assim poderia colher vantagens do meus estudo. Foi neste estado que meu amigo me encontrou.

Pois bem. Eis que o visitante, em meio aos meus apelos, falou-me a respeito de recentes acusações feitas a Ellen White, em jornais dos Estados Unidos.

Até hoje estou sem saber que motivos o levaram a abordar o assunto que, para mim, era completamente desconhecido. É provável que ele estivesse convicto de que minha recusa e em retornar à Igreja se ligasse a fatos que cercavam a vida de Ellen White, e que imaginava já serem do meu conhecimento. Mas não eram. Houve, provavelmente, um erro de avaliação da parte dele.

A partir daquele momento, eu dava o primeiro passo para chegar ao conhecimento do segredo de uma questão que (vim a saber depois) vinha sendo abafada há mais de u, século. A vinda do amigo à minha casa não foi obra do acaso, que não existe. Havia um

propósito divino em tudo aquilo. As coisas acontecem porque precisam acontecer. Há uma lei de causa e efeito da qual ninguém consegue escapar, nem mesmo o mágico mais esperto.

Digo que a notícia que acabava de receber foi para mim uma “chave mágica”, pois a partir dela é que cheguei às minhas conclusões finais.

Como assim ? A doutrina Adventista se fundamenta praticamente nos ensinamentos da Sr^a. White. E a credibilidade dela estava em jogo. E o que aconteceria se as suspeitas que em mim acabavam de ser despertadas fossem confirmadas ? O edifício simplesmente ruiria. É o que sempre acontece quando as bases são falsas. E hoje estou absolutamente convicto de que o edifício espiritual da igreja dos meus sonhos de outrora está comprometido. Sei, agora, que a igreja que me abrigou por três décadas é de vidro. Suas vidraças estão partidas. Posso vislumbrar o seu interior. E devo isto, em parte, ao meu amigo visitante que, sem saber, foi um instrumento divino para me ajudar no tempo certo. As coisas acontecem porque precisam acontecer.

Foi assim que nasceu este volume.

“NÃO HÁ JUÍZ MAIS JUSTO E SEVERO
DO QUE O TEMPO” (Adágio popular).

4. OS EMPRÉSTIMOS

Quando meu visitante me falou de uma entrevista de Walter Rea, ministro adventista descredenciado, e publicada no Los Angeles Times, minha curiosidade despertou. E alguns dias depois eu já estava escrevendo para o jornal de Los Angeles, pedindo uma cópia da entrevista. Quinze dias mais tarde, o xerox estava em minhas mãos. Pouco depois, recebia também uma carta do próprio Walter Rea que, por sua vez, me enviava igualmente uma cópia, embora eu não lhe tivesse encaminhado qualquer pedido nesse sentido. A publicação aborda fatos relacionados com a literatura plagiada de Ellen White. Meses se passaram, até que um dia o livro “101 RESPOSTAS A PERGUNTAS DO DR.FORD”, impresso pela Casa Publicadora Brasileira, caiu em minhas mãos. E à página 84 pude ler:

“É fato que Ellen White verdadeiramente usou obras de outros autores até certo ponto, enquanto empenhada em seus escritos, mas não há nenhuma evidência de intenção de fraude por parte dela, nem há evidência de que qualquer outro autor fosse alguma vez privado de seus legítimos benefícios por causa das atividades dela. Nenhum editor ou autor em qualquer terra já processou ou ameaçou processar Ellen White sob a alegação de que direitos autorais ou editoriais houvessem sido infringidos.”

Como se vê, admiti-se que “Ellen White verdadeiramente usou obras de outros autores até certo ponto...”. Só que esse “até certo ponto” não representa toda a verdade. Quem desejar sentir a proporção dos plágios de Ellen White basta ler o livro THE WHITE LIE (A

MENTIRA BRANCA) de Walter Rea, recentemente publicados nos Estados Unidos. O que apresento neste capítulo é apenas uma mostra da realidade. Mas é o suficiente para inteirar o leitor dos principais pontos da questão.

Quero destacar, em prosseguimento, o fato de se firmar que “não há nenhuma evidência de intenção de fraude por parte de Ellen White.” Esta é uma conjectura por demais leviana.

Quem pratica plágio na proporção desenvolvida por Ellen White não o faz por equívoco, mas conscientemente, a não ser que queiramos admitir a hipótese absurda e inaceitável de que o que houve não passou de mera coincidência. Houve fraude, sem dúvida. Os fatos e investigações o dizem.

É- nos dito, também, que “nenhum editor ou autor em qualquer terra já processou ou ameaçou processar Ellen White sob a alegação de que direitos autorais ou editoriais houvessem sido infringidos.”. Essa alegação não é digna de um bom advogado.

Sim, porque o fato de não ter sido indiciada por apropriação indébita não a isenta de culpa, assim como não está livre de responsabilidade o faltoso cujo delito está encoberto. Ellen White continua culpada, ainda que não tenha sido considerada como tal pelo advogado contratado para defendê-la. Plágio é engano, é uso indevido de literatura pertencente a outrem. E justificá-lo não é menos do que defendê-lo.

A defesa de Ellen White não pára por aí. Os seus teimosos seguidores têm procurado inocentar seu procedimento, citando outros autores que igualmente foram excelentes peritos na arte de plagiar. Mas é o caso de se perguntar: desde quando o erro justifica o erro? Nenhum réu culpado até hoje se tornou livre de culpa pela existência de outros em igualdade de condições.

Ellen White era, aos próprios olhos, profetisa e mensageira do Senhor. Atribuía a Deus a origem de seus escritos. Mas ela encheu seus livros de escritos de vários escritores, entre os quais posso destacar: John Harris, William Hanna, Alfred Edersheim, Daniel march, Cunningham Geikie, James Aitken Wyllie, William Miller, Hannah Smith, Almou Underwood, Eduard Kirk, William M.Tayllor.

Nem mesmo Uriah Smith escapou das garras de Ellen e James White e das assistentes editoriais dela. Como assistentes empenhadas em plagiar em nome de Deus e dos anjos, podemos destacar: Fannie Bolton, Mirian Davis, Sarah Peck, Mary Steward e Mary H.Crisler.

A seguir, o leitor vai defrontar-se com alguns exemplos de cópias. É pena que o tamanho deste livro não me tenha permitido uma inclusão abundante, como era de se desejar.

De O Grande Professor, John Harris:

“... Ele veio e estabeleceu Seu tabernáculo no meio do acampamento humano, armou Sua tenda lado a lado com as nossas tendas, para atestar a presença de Deus, para nos tornar familiares ao Seu caráter e sensíveis ao Seu amor.”

De O Desejado de Todas as Nações, 1898, da Sr^a. White:

“Assim Cristo estabeleceu Seu tabernáculo no meio do acampamento humano. Ele armou Sua tenda ao lado das dos homens, morou entre nós e nos familiarizou com seu divino caráter e vida”.

De um anônimo, conforme edição de Rewiew and Herald, 1871:

“A maior necessidade desta época são homens, homens que não se vendem, homens que

sejam honestos, homens são de dentro para fora, verdadeiros de coração, homens que condenam o erro no amigo ou no inimigo, em si como nos outros, homens cujas consciências são tão fiéis como a bússola o é ao pólo.”

Em education, edição de 1903, o trecho, parece como obra prima da pena “inspirada” de Ellen White:

“ A maior necessidade do mundo é de homens, homens que não se comprem nem se vendem, homens que em sua vidas sejam verdadeiros e honestos, e que não tenham medo de chamar o pecado pelo seu próprio nome, homens cuja consciência seja tão leal para com o dever como a bússola o é ao pólo.”

De A Casa de Nosso Pai, 1871, de Daniel March:

“ A águia dos Alpes é às vezes abaixada pela tempestade para dentro do desfiladeiro estreito das montanhas. As nuvens escuras e massas tormentosas passam entre a ave poderosa e as alturas ensolaradas onde ela constrói seu ninho e descansa em pleno dia. Por um tempo, ela corre para lá e para cá batendo a tempestade com as suas asas fortes e provocando os ecos da montanha com seu grito selvagem, procurando em vão alguma saída de sua prisão escura e de paredes altas.”

De Education de Ellen White:

“ A águia dos Alpes é às vezes abaixada pela tempestade para os desfiladeiros estreitos das montanhas. Nuvens tempestuosas fecham essa ave poderosa da floresta em sua massas escuras, separando-a das alturas ensoladas onde ela faz seu lar. Seus esforços para escapar parecem infrutíferos. Ela corre para lá e para cá, batendo o ar com suas asas fortes e provocando os ecos montanhosos com seus gritos.”

Poderia prosseguir indefinidamente, citando tantos textos quantos desejasse, para provar a não autenticidade da maior parte dos escritos atribuídos a Ellen White. O espaço, porém, não me permite fazê-lo.

Agora, leitor, quero chamar sua atenção para um incidente curioso e até irônico. Há anos atrás, fui convidado a participar de um debate, em uma capital nordestina, com uma facção dos chamados grupos “reformistas”. Pretendia-se esclarecer a quem Ellen White havia legado as “suas” mensagens: se aos adventistas do sétimo dia ou se a facção reformista, também do sétimo dia. O debate prolongou-se até horas avançadas da noite, e não se chegou a nenhuma conclusão.

Felizmente, naquela ocasião, os ânimos não se exaltaram, ao contrário do que havia acontecido, no passado, em uma reunião da antiga Liga das Nações, quando os participantes quebraram as cadeiras nas cabeças uns dos outros, em uma reunião onde se discutia a paz mundial. Na nossa reunião não houve violência física, mas não levamos para casa além de ilusões, cansaço e sentimento de animosidade.

Veja só, como, às vezes andamos por caminhos esquisitos, e não nos damos conta disto. É que estávamos discutindo os nossos direitos sobre a literatura de Ellen White, e não sabíamos (nem a outra parte) que brigávamos por escritos atribuídos a ela, mas que, em grande parte, tinham sido subtraídos de outros escritores.

A vida é assim. Muitas vezes somos traídos pelo nosso fervor e ignorância juntos. Continuando, quero informar aos leitores que as cópias de Ellen "White e de seus assistentes não se limitaram a material literário propriamente dito. Até mesmo títulos de capítulos foram usados como empréstimo compulsório.

Atente para os exemplos abaixo :

Patriarcas e Profetas, edição em inglês, 1958

The Creation

The Flood

The Call of Abraham

Destruction of Sodom

The Marriage of Isaac

The Death of Saul

The Fall of Jericho

The Anointing of David

História da Bíblia de Alfred Edermeim, 1876-1880

Creation

The Flood

The Calling of Abram

Destruction of Sodom

The Marriage of Isaac

The Miraculous Fall of Jericho

O desejo de copiar parecia, cada vez mais, obedecer à lei do menor esforço.

É incomparavelmente mais difícil criar do que copiar o que os outros já escreveram. Mas, convenhamos, copiar até mesmo títulos de capítulos, *ipsis litteris*, nem seria necessário. A ordem, entretanto, era escrever cada vez mais, e só plagiando seria possível atingir

rapidamente a meta prevista. Era sem limites a ânsia da família White para fazer dinheiro. E não é só. A obra precisava ser completa.

E assim é que até mesmo figuras foram fraudulentamente subtraídas do livro { A História do Protestantismo de J. A. Wylie e inseridas em O Grande Conflito, edição em inglês, impressa em Oakland, Califórnia, 1886. Em alguns casos, as iniciais dos autores dos desenhos foram simplesmente apagadas. Em outro, raspadas e, em seu lugar, colocadas estas palavras: **Press, Oakland, Cal.** Certifique-se deste fato lendo **The White Lie**.

Irmão adventista, não sei se você percebeu que, por vezes, somos muito preguiçosos e relutantes em encarar a realidade dos fatos, com a seriedade que Deus deseja de nós. Eu espero que você não seja um desses. Você não pode permanecer imóvel e indiferente diante do engano. E não pode porque não é um irracional. Você tem o dever de se insurgir contra as suas próprias conveniências, ainda que isto signifique a perda daquilo que lhe possa parecer um privilégio ou uma vantagem. E não é privilégio coisa nenhuma. O que se consegue às expensas do amesquinamento da verdade não tem qualquer valor. É, antes, prejuízo.

Igreja, não tendo como fugir à realidade dos fatos, acabou por reconhecer os plágios de sua mensageira. Ela, não obstante, procura desviar a atenção do fiel do ponto crucial da questão para outro de nenhuma importância: o aspecto jurídico. Como ela (Ellen White) não foi processada por utilização indébita de material literário alheio, então está tudo muito bem. Que maravilha! A nossa profetisa está salva! É o que certamente dizem ou pensam.

Para mim, não seria nenhuma surpresa se os seus defensores, diante da grande "vitória" alcançada por um advogado contratado, movessem um processo contra os autores lesados em seus escritos. É que a razão desaparece quando a paixão e a intransigência são as forças que comandam a mente.

Juridicamente, a Igreja absolveu Ellen White. Mas moralmente? Bem, tudo, até o inesperado pode acontecer, em se tratando de homens que agem e falam em nome de Deus.

"O HOMEM RECORRE À VERDADE SOMENTE

QUANDO LHE FALTAM AS MENTIRAS" (M. Lenoir).

5. AINDA OS EMPRÉSTIMOS

Quero, neste capítulo, referir-me novamente ao livro 101 RESPOSTAS A PERGUNTAS DO DR. FORO, publicado pelos adventistas.

O livro chega ao exagero de afirmar que "não há nenhuma evidência de fraude por parte" de Ellen White, no que diz respeito às acusações que lhe têm sido feitas no passado e, mormente, nestes dois últimos anos. Walter Rea, em seu livro *The White lie* (A Mentira Branca) diz, com sobejas e irrefutáveis provas, que o material utilizado nos escritos de Ellen White foi recolhido de inúmeros autores, adventistas e não adventistas, não somente por ela, mas ainda por um razoável número de pessoas, como James White e várias secretárias, sem falar de ministros, que também davam a sua colaboração. E tudo foi feito, compilado, pilhado e publicado em nome de Deus e dos anjos. E nada havia que não fosse inspirado. Dá-nos pena ver os defensores de Ellen White empenhados na tentativa de inocentar o seu procedimento, citando outros autores que igualmente foram excelentes peritos na arte de plagiar. Mas o que tem a ver uma coisa com a outra? Desde quando o erro justifica o erro? Nenhum réu confesso se tornou isento de culpa pela existência de outros nas mesmas condições.

Quero transcrever o que consta a partir da página 101 do mesmo livro:

"O uso dos escritos de Smith por Ellen White é típico do modo como ela, usava outros autores ou há exemplos de cópia mais próxima, palavra por palavra, possivelmente sentenças por sentenças inteiras? O uso dos escritos de Smith por Ellen White era bem típico do seu modo de fazer empréstimos literários. Há contudo alguns casos de cópia ou dependência muito próxima."

As expressões que você acabou de ler, vasadas de certo cinismo, não são minhas. Elas constam do livro citado. A expressão: "era bem típico do seu modo de fazer empréstimo" não passa de uma tentativa cavilosa de camuflar os fatos.

Ela era a profetisa comissionada pelo Céu. Logo, podia apropriar-se de literatura (' que não era sua. É o que certamente pensam.

Chamo ainda sua atenção, leitor, para o uso incorreto da palavra "empréstimo", quando se trata de defender Ellen White. Esta colocação me parece imprópria, pois o termo "empréstimo" envolve o consentimento da outra parte. E no caso presente, os inúmeros escritores plagiados e subtraídos nos seus direitos; não foram consultados. Nem sequer lhes foi dirigido um "muito obrigado."

Com um marido experiente no comando, com várias secretárias a plagiar / dezenas de escritores, quem não consegue deixar para a posteridade uma "vasta e inspiradora obra"?

Fica, assim, respondida a pergunta da página 4.

"NADA HÁ MAIS SUAVE QUE
A LUZ DA VERDADE" (Cícero).

6.

UMA HISTORIA QUE NEM TODOS CONHECEM

Em 1953, engenheiro que era dos Correios e Telégrafos, fui designado para inspecionar obras em Campo Grande (MS).

.Àquele tempo já eram constantes os meus contatos com os adventistas. E eu estava gostando imenso deles. Um dia, um irmão da cidade ofereceu-me um exemplar de O Grande Conflito: E como o lugar não tinha pontos turísticos onde pudesse usar um pouco do meu tempo, e como também quase nada tinha a fazer, larguei-me a ler o livro, o que fiz de capa a capa, em curto espaço de tempo. O seu conteúdo impressionou-me sobremaneira, e foi a partir daí que começou a aparecer em mim um certo espírito de animosidade para com todos os católicos. É que eles são aí duramente atacados como em nenhum outro livro de Ellen White. Hoje, posso verificar que O Grande Conflito é o livro apropriado para despertar no leitor desavisado e inocente um espírito de intolerância contra católicos e protestantes.

Enquanto lia, não podia imaginar, nem de leve, que mais tarde viria a 1" conhecer a verdadeira história daquele que é o mais badalado livro do adventista. É que a verdade, apesar de ter pernas curtas, acabou me alcançando. Que quero dizer com isto ? Apenas o que você vai ler a seguir .

Em 1853 Sylvester Bliss havia escrito um livro intitulado Memoirs of : William Miller. Mais tarde, James White, marido de Ellen, publicou quatro livros.

Dois deles foram; Life Incidents in Connection with the Great Advent Movement as mustrated by the Three Angels of Revelation XIV e Sketches of the Cristian life and Public Labors of William Miller; Gathered from his Memoirs by the Late Sylvester Bliss, and from Other Sources. O primeiro foi publicado em 1868, e segundo, em 1875. Segundo Walter Rea estes dois livros foram copiados, na sua quase totalidade, de Sylvester Bliss (Memoirs of William Miller), J. N. Andrews e , Uriah Smith.

Mas agora veja o que aconteceu. Poucos anos depois da morte de James White, o que ocorreu em 1881, os referidos livros foram reimpressos, não sob o nome dele, mas com a autoria de Ellen White, e sob o título de The Great Controversy (O Grande Conflito), fato que aconteceu em 1884. E assim, iniciava-se mais um ato da grande peça inaugurada em 1844, sob a direção de James White, Ellen G. Harmon, Miller, Uriah Smith e outros. O famoso livro continua sendo o best-seller da Igreja, e é sempre lembrado como a obra-prima da pena : "inspirada" de Ellen White

Como é difícil livrarmo-nos dos enganamentos e artimanhas que homens vestidos com a toga da religião, mas nem sempre dignos de fé, nos impingem de qualquer forma em nome de Deus e dos anjos ! Durante um quarto de século, eu li, reli, usei e abusei de O Grande Conflito, na ilusão de que estava lendo um livro da pena de Ellen White. Mas eu estava enganado, porque o que eu tinha diante de mim, era, na sua quase totalidade, de autoria de Sylvester Bliss, J. N. Andrews e Uriah Smith. Longe estava eu de imaginar que pontos básicos da Igreja, tais como a doutrina do santuário, as 2.300 tardes e manhãs e outras questões apareciam então em O Grande Conflito como material de segunda mão. A verdade tem pernas curtas, mas acabou me alcançando. E eu me lembrei de um provérbio árabe que diz :

" A primeira vez que tu me enganares, a culpa é tua; mas a segunda vez, a culpa será minha."

Se daqui para a frente, leitor adventista, você continuar enganado, a culpa é sua. É você que estará enganando a você mesmo.

A que extremos chegam as pessoas! O que está aí é dose que só leão pode suportar .É suficiente para adoecer qualquer homem sério dotado de um mínimo , de sensibilidade. Você não pode continuar indiferente a mais este acinte à sua boa fé! Que a vida literária da Sr^a.Ellen White foi um equívoco ninguém mais de bom senso tem dúvida; que as suas "visões" eram fruto de uma mente vulnerável à fantasia, também é fato consumado; que as suas profecias não se cumpriram, é certeza que se não contesta; e que seus testemunhos pessoais visavam tirar : proveito próprio da consciência alheia,

também já se sabe. Sua conduta religiosa, , todavia, continua sendo defendida pelos que precisam dela para sobreviver. E você, leitor? Nunca lhe ocorreu o pensamento de que alguém possa estar vivendo sua vida por você? Você pode estar vivendo de acordo com opiniões e pontos de vista de outros. Isto pode estar ocorrendo se você vive a repetir o que os outros 1 lhe transmitiram. E se vários ou mesmo só alguns desses comportamento ou opiniões forem falsos, irreais? Você terá que pagar o preço, mais cedo ou mais tarde.

Desfaça-se, portanto, deles com a mesma presteza com que se desfaria de i um sapato que lhe aperta o pé

E comece nova vida, sem pressões, sem compulsão! Em liberdade! Liberdade em Jesus Cristo!

A VERDADE TEM PERNAS CURTAS,

E PODE ATÉ PARECER CAPENGA,

MAS ACABA CHEGANDO

7.

MOST SHOCKING IN ALL”.

O título supra aparece na seção RELIGIÃO do Time de Agosto de 1982, onde podemos ler:

"O mais chocante de tudo: ela usava as palavras de autores anteriores como se fossem as palavras que ela escutava quando em visão. Em alguns casos, ela usa as palavras de autores do século dezenove como se fossem de Cristo ou de um guia celestial."

Esta citação que você acaba de ler, o Time a recolheu da revista Ministry/7, um órgão oficial da Igreja Adventista para os seus ministros.

Creio, leitor, que poderia encerrar este livro com este capítulo. Eu o faria, não tivesse alguma coisa a mais para dizer. Expresso-me assim porque isto que aí está é quase inacreditável, e já dá a certeza da grandeza da fraude que envolvia a vida de Ellen White.

palavra por palavra, copiava-as, e dizia que as havia recebido em visão.

Por que precisaria ela praticar ato tão leviano ?

Pare para pensar, irmão adventista! E se posso dar-lhe uma sugestão, aqui vai ela: tenha por Ellen White o mesmo carinho que você deve dedicar a qualquer ser humano. Ela foi alguém por quem Jesus deu também Sua vida. E já não é o suficiente? Não lhe tribute, porém, as qualidades de profetisa e mensageira do Senhor. Ela não foi nem uma coisa nem outra. Os seus líderes religiosos sabem disto. Transfira o crédito para quem de direito: os profetas do livro de Deus. Repetindo: os homens cultos do adventismo, e os há muitos, os mesmos que sobem ao púlpito para exaltar a pessoa da Sr^a. White sabem que a sua vida como mensageira do Senhor foi um equívoco. Mas não podem dizê-lo. Primeiramente, porque já conseguiram amansar o burro bravo que se encontra dentro deles, que é a consciência, e em segundo lugar, porque precisam dela para poderem sobreviver.

"É PRÓPRIO DE TODO HOMEM ERRAR,

MAS SÓ DO HOMEM ESTULTO PERSEVERAR NO ERRO" (Cícero)

8.

UMA FIGURA PREEMINENTE

Durante todo o meu tempo de adventismo, James White, marido de Ellen, dava-me a impressão de ser uma figura sem expressão dentro da Organização. Via nele uma espécie de acompanhante e protetor de sua mulher. Todas as honras, todas as qualidades, todos os dotes eu os atribuía a ela, e não a ele. Esta é também a impressão acalentada por todos os membros leigos da Igreja. A fixação, dessa impressão faz parte de um plano para projetar a pessoa de Ellen no cenário da Igreja. Essa falsa impressão visa colocá-la em um plano para destacá-la como "Mensageira do Senhor."

Os homens de negócio da Igreja procuram, naturalmente, tirar todo o proveito possível de sua orientadora, até mesmo das suas deficiências. Por exemplo, sabe-se que ela era possuidora de cultura limitada. Até se costuma dar especial destaque a essa sua condição de deficiência. Mas por trás disso que há não é outra coisa senão um propósito bem arquitetado, como seja o de se fazer sobressair sua "qualidade" de mensageira inspirada pelo Espírito de Deus.

A conclusão "é óbvia: Ellen White, possuidora de cultura comum, não poderia escrever o que, escreveu se não fosse diretamente dirigida pelo Espírito do Senhor.

Por toda a minha vida de adventista, este raciocínio e esta convicção me acompanharam como se fossem minha própria sombra. Mas eu estava redondamente enganado. James White (compreendo agora) nunca foi uma figura de segunda classe. Muito pelo contrário, enquanto viveu, foi o cérebro do movimento adventista. As iniciativas assumidas por ele e seus próprios métodos emprestaram-lhe a condição de chefe e orientador da Organização.

Ellen White, sua esposa, não ia além de uma espécie de "testa-de-ferro." Ela se apresentava, à vista de todos, como a responsável por tudo. Suas "visões" tiveram papel de destaque em toda essa conjuntura. Assim é que ela recebeu, em "visão", o sinal verde para o plano do marido a respeito do sistema de "benevolência sistemática." Da mesma forma, quando o marido estava empenhado na preparação de folhetos sobre saúde (material também plagiado), ela teve a sua grande "visão" acerca da reforma da saúde. O Grande Conflito é constituído de literatura plagiada por James White. Depois da morte de James, o material foi impresso, pela primeira vez, sob o título *The Great Controversy*, e levava na capa toda a "autoridade" do nome de Ellen White. James White, enquanto viveu, foi o supersalesman do Movimento. Não! James não foi uma figura apagada. Foi ele quem, com a sagacidade Sr^a. White fossem larga e abundantemente vendidos para proveito que lhe era inerente, criou meios para que os livros atribuídos à da família. Seus métodos continuam em uso até hoje. Quando James morreu, seu filho Willie assumiu o comando, e quase chega a igualar o pai em seus métodos. Mais tarde, Arthur assume a chefia. E assim, a tocha de fogo comum, acesa em 1844, continua passando de mão para mão. E há de continuar até o fim. Só que não se trata de fogo sagrado.

"QUANDO QUERO FAZER GRAÇA DIGO SEMPRE A VERDADE, POIS A VERDADE É SEMPRE A MELHOR PILHERIA DO MUNDO" (B. Shaw).

9.

CORRELIGIONÁRIOS CONTEMPORANEOS

Quando vivemos enganados com relação a um fato, comportamo-nos como o engano não existisse. Mas a partir do momento em que dele nos inteiramos, e se avoluma dentro de nós, e, por vezes, nos irritamos. Isto aconteceu comigo. Tive alguns momentos de A cúpula adventista é extremamente habilidosa e prudente, e graças a estas qualidades que lhe são peculiares, a totalidade dos crentes leigos sabe acerca da sua profetisa somente aquilo que a Igreja permite seja conhecido. Com uma sabedoria humana aprimorada, os obstinados supersalesmen do passado conseguiram fazer com que ficasse encoberto, por algumas gerações, o logro teológico de Ellen White.

A religião organizada tem, muitas vezes, dado as mãos a processos escusos, como o de abafar a verdade. Com este artifício consegue-se, por algum tempo, imprimir vida efêmera à mentira.

Ser enganado é ruim. Mas ser enganado em nome de Deus é pior. E isto é o que tem sido feito por certos dirigentes denominacionais. Daí a razão por que eu me sinto na situação daquele que, por mais de vinte anos, foi alimentado com o soro de um engano pintado com as cores da verdade. Foi somente nestes dois últimos anos que tomei conhecimento de uma situação de fato. Situação que já existia desde 1844. Felizmente posso consolar-me exclamando: antes agora do que nunca !

Neste capítulo, o leitor constatará que a fraude de que falo não é um fato de divulgação recente. Ela já era denunciada no passado. Protestos e advertências foram feitos por alguns mais lúcidos e conscientes líderes da Igreja. Mas os homens de negócio da Organização, cujo comando pertencia a James White, estabeleceram as bases para que o engano pudesse sobreviver. E sobreviveu. E continuará sobrevivente, pois as massas apreciam ser tapeadas, desde que sejam escovadas e alimentadas como cavalos de cocheira.

Mas vamos aos fatos.

- 1) W.W.Prescott foi professor de Bíblia, editor e colaborador de Ellen White. Note o que ele disse:

“Parece-me que uma grande responsabilidade repousa sobre aqueles que sabem que há sérios erros em nossos livros autorizados, e todavia não fazem nenhum esforço especial para corrigi-los” (Willian W.Prescott para W.C.White, 06.04.1915).

- 2) Willard A.Colcord foi ministro, editor e secretário de liberdade religiosa da Conferência Geral. Veja só o que ele disse:

“O uso de abundante material escrito por outros nos escritos da irmã White, sem referências e créditos, tem trazido para ela e seus escritos uma série de dificuldades” (Carta de Willard A.Colcord, 23.02.1912).

- 3) Camden Lacey, professor de Bíblia, ministro e amigo pessoal da família White assim se expressou, certa ocasião:

“Miriam Davis estava encarregada da preparação de O Desejado de todas as Nações... e ela juntava o seu material de várias fontes disponíveis...Ela estava grandemente preocupada em encontrar material apropriado dar” (H. Camden to Leroy E. Froom, 11.08.1945; H. Camden Lacey to Arthur V. Spalding, 03.06.1947).

- 4) John H.Kellog, escritor, professor, amigo pessoal da família White falou assim:

"Eu não acredito e nunca acreditei na sua infalibilidade. Eu lhe disse oito anos atrás que algumas das coisas que ela me enviou como testemunhos não eram verdadeiras, não estavam em harmonia com os fatos, e ela mesma o constatou. ..Eu conheço pessoas que vão à irmã White com algum plano ou esquema que eles desejam executar com o seu endosso, e ela se levanta e diz: 'O Senhor tem falado.' e eu sei que se trata de fraude, e que está tirando vantagem do espírito e da consciência do povo. ..eu não simpatizo com isso, e o disse a W. C. White,

no passado" (An Authentic Interview, 07.10.1907).

5) Arthur G. Daniels foi presidente da Conferência Geral de 1912 até 1922. São suas as palavras abaixo, acerca do livro A Vida de Paulo, atribuído a Ellen White:

" Agora você conhece alguma coisa a respeito do pequeno livro A Vida de Paulo. ..Nunca podemos reivindicar inspiração em todo o pensamento e composição do livro. ..Não foram dados os créditos aos próprios autores. ..Pessoalmente, isto nunca abalou minha fé, mas há pessoas que têm sido grandemente prejudicadas por isto. .." (Spectrum 10, nº.1, Maio 1979).

Aqui estão, leitor amigo, alguns testemunhos irrefutáveis de contemporâneos e amigos da S^a. White. Todos eles preocupados com os rumos que ela e seus colaboradores estavam seguindo. Já àquele tempo, a fraude que envolvia os seus escritos era do conhecimento de alguns. 1?: impressionante, porém, que, decorridos tantos anos, o membro leigo, aqui no Brasil, tenha estado tão ignorante com relação a esses fatos. Os **supersalesmen** brasileiros, sagazes como seus colegas americanos, conseguiram fazer com que o engano chegasse até os nossos dias, vestido com as roupas da verdade.

Agora, o que mais será necessário acrescentar? Nada! Mas a "mensageira" do Senhor está, hoje, mais viva do que nunca, na mente destas duas classes de pessoas: os seus defensores interesseiros e a grande massa ignorante e tola.

Para mim, Ellen White morreu, e com ela os "seus;" escritos. Para mim, sua vida foi um engano. Um engano calculado. Abandonei a fé na sua "inspiração" com a mesma satisfação

com que o convalescente abandona a bengala, por já não precisar mais dela. Mas ela não pode ser apontada como a única responsável pelo caos teológico do adventismo.

Igualmente responsáveis são seu marido James, seu filho Willie, o neto Arthur, suas secretárias e inúmeros ministros que acobertaram os seus erros, no passado. E quanto aos seus colaboradores e advogados, nos dias de hoje, a lista é grande demais. Não caberia em um livro de proporções reduzidas como este.

"CONFESSAR UM ERRO É DEMONSTRAR,
COM MODÉSTIA, QUE SE FEZ
PROGRESSO NA ARTE DE RACIOCINAR" (Murilo Mendes).

10.

ESTAS PROFECIAS NÃO SE CUMPRIRAM

Desde os sete anos fui um católico praticante. O lar de meus pais, numa cidadezinha escondida no sertão do Piauí, era, às vezes, hospedaria de padres. De modo que era natural que se desenvolvesse em meu espírito juvenil um crescente sentimento místico. Acresce a isto o fato de eu haver também estudado em colégio de orientação religiosa até os dezesseis. Assim é que, mais tarde, quando a Bíblia caiu em minhas mãos exerceu um verdadeiro fascínio em minha vida. Tudo nela me impressionava. E não o posso deixar de dizer que as profecias me atingiram em cheio. Daniel tornou-se o meu profeta predileto.

E tanto isto é verdade, que eu tinha na ponta da língua tudo que a Igreja me havia ensinado a respeito. Assim, era natural também que Ellen White, apontada e respeitada como a inigualável e única profetisa dos tempos modernos, exercesse, por sua vez, uma grande atração sobre a minha pessoa. E exerceu. Tal, porém, não se fez em virtude de fatos concretos, mas por meio de coisas mais ou menos corriqueiras estabeleci das para tornar enfeitiçante a sua personalidade. As lavagens cerebrais suaves, mas repetidas, tiveram grande influência na complementação : da minha vida religiosa.

Conhecedor do funcionamento do meu subconsciente, hoje mais do que há trinta anos, posso compreender porque a Sr^a. White me pareceu ser a profetisa enviada pelo Céu para instruir as pobres e atrasadas criaturas, nestes dias modernos. Embora não sintamos, concretamente, a presença do

subconsciente, é ele que tudo dirige. Quando dormimos, ele permanece acordado e vigilante, e no comando. Age, entretanto, cegamente, sem exercer qualquer triagem ou seleção sobre os pensamentos ou impressões recebidos via consciente. É um automático e fiel executor. É por isso que nós nos condicionamos facilmente. E sem o percebermos. A lavagem cerebral, que é sugestão, se faz sentir através da ação programada e repetida. Foi assim que Ellen White se tornou, para mim, a profetisa dos últimos dias, a dádiva de Deus para mostrar aos pecadores os caminhos eternos. Eu não percebia que o meu apego à Lei, à obediência como veículo de salvação, ao sábado e aos escritos da Sr^a. White estavam, ainda que eu não desejasse, nem percebesse, substituindo Cristo em minha vida. O legalismo, que é tudo isto ; e mais alguma coisa, acaba desempenhando, na vida do crente, um papel danoso e substitutivo.

E hoje, o que dizer? Chegou o dia em que compreendi que precisava estabelecer um contato comigo mesmo. Mas logo de início pude perceber que nada poderia fazer, nesse sentido, se não desprogramasse o meu subconsciente. Pus mãos à obra, e os louros da vitória foram aparecendo, pouco a pouco. A mente já podia ver com mais clareza. Ela, devagar, desanuviava-se. O medo já não me incomodava tanto. E parti para a investigação, com desassombro. Eu me tomei um investigador que queria saber, a todo custo. E acabei compreendendo que Ellen White não foi uma profetisa. Ela foi alguém por quem Jesus deu Sua vida. E precisaria mais ?

Vamos aos fatos. A Sr^a. Ellen White havia mostrado que a **porta da graça** estava, para sempre, fechada para aqueles que não tinham aceito a mensagem de 1844. Esta situação perdurou por algum tempo, quando então, por meio de processos vários, adequados para desviar a atenção, a situação foi se restabelecendo. Ela havia declarado :

"Por algum tempo, depois da decepção de 1844, mantive, juntamente com o corpo do advento que a porta da ~a estava para sempre fechada para o mundo" (Mensagens Escolhidas I, primeira edição, página 63).

Muitos creram, como era de se esperar , que ela tinha sido iluminada pelo

Espírito de Deus ao fazer o seu estranho prognóstico. Mas houve discordâncias. E o mesmo "espírito" voltou, mais tarde, para informar que ele mesmo havia cometido um engano. E assim, a porta da ~a era novamente aberta para alegria dos pecadores.

A grande "revelação" não se cumprira. Mas o poder de submissão que os escritos atribuídos à Sr^a.White ainda hoje exercem sobre leigos e assalariados é alguma coisa que escapa à imaginação. É tão grande tal influência, que chega a truncar completamente o raciocínio das pessoas. Não foi por acaso que um conhecido líder da Igreja, ministro, escritor, redator, chegou a classificar de levianas as acusações que têm sido feitas a Ellen White, nesta questão. E não é só. A ignorância a respeito dos deslises dela é fato tão notório que, há poucos dias, quando eu dizia a um dos seus admiradores que a porta da graça continuava aberta, em que pese ter a Sr^a.White se encarregado de fechá-la por conta própria de- pois da decepção de 1844, ele exclamou com aquela expressão de coitado:

-E ela disse isso ? A surpresa justifica-se: o incidente não tem trânsito livre na Igreja. Aos tolos engana-se com qualquer tolice. Pessoas há que se esquecem de que, a nível humano, o seu eu verdadeiro é a única e legítima autoridade terrena, psicologicamente falando. Por isso, não[o param de cometer erros desse tipo. E o pior é que, como disse Cícero, é próprio "do homem estulto perseverar no erro."

Em outra ocasião, referindo-se a um conflito armado entre os Estados Unidos e a Inglaterra, a Sr^a.White disse :

"Se a Inglaterra pensa que poderá fazê-lo, não hesitará um só momento em alargar suas oportunidades de exercer seu poderio e humilhar nossa nação.

Quando a Inglaterra declarar guerra, todas as nações terão o seu próprio interesse em acudir, e haverá guerra geral" (Testemonies, vol. I).

Para o bem e felicidade de todos, a profecia não se cumpriu. E tudo indica que as chances de um choque armado entre as duas nações são cada vez mais remotas. Há quem diga que a Sr^a.White não quis dizer exatamente o que disse. Que o "haverá" dela _é condicional. Mas por enquanto os gramáticos continuam sustentando que quando o verbo está no tempo futuro (como HAVERA), não pode ser confundido com o "condicional." Quanto a mim,

continuo desejando que os dois países permaneçam como bons amigos. Um conflito entre eles seria desastroso para o mundo.

Comentemos mais um furo profético de Ellen White. Retiro do livro Primeiros Escritos, primeira edição, página 15 :

"Logo ouvimos a voz de Deus, semelhante a muitas águas, a qual nos anunciou o dia e a hora da volta de Jesus."

Jesus havia dito que quanto àquele dia e hora ninguém sabia, nem Ele nem os anjos, senão somente o Pai (Mt. 24:36). Mas a Sr~ White sabia.

Alguns, decepcionados com a predição de caráter puramente anti-bíblico, pressionaram sua profetisa para esclarecimentos. Foi quando ela se saiu muito bem. Esclareceu que havia esquecido aparte da visão concernente ao dia e a hora. O assunto ficou encerrado per **omnia saecula saeculorum**. É muito fácil distrair os incautos. Algumas palavras bastam.

Nem mesmo um em dez mil adventistas tem conhecimento desta fantasiosa previsão da Sr^a. White. Esta, também, não tem trânsito livre na Igreja. É nem poderia ser diferente, já se vê .

POUCOS ESTÃO INTERESSADOS NA
VERDADE. A MAIORIA PREFERE A
MENTIRA DISFARÇADA.

11.

EVENTOS BÍBLICOS

A desculpa e a evasiva sempre foram as armas preferidas pelos que não têm coragem. Coragem para aceitar uma mudança de ponto de vista, quando a alteração tende a remover o homem do seu estado cômodo, seja no campo social, cultural, financeiro ou religioso, é quase impossível.

O livro publicado pelos adventistas, intitulado 101 RESPOSTAS A PERGUNTAS DO DR. FORD é um exemplo patente desse tipo de fraqueza humana. E provo-o. Segundo Desmond Ford, homem estudioso e respeitado teólogo, Ellen White cometeu vários erros na apresentação de eventos bíblicocos, (1) quando mencionou o número dos aliados de Abraão, (2) quando afirmou que foi Deus quem ordenou a Adão e Eva que não tocassem no fruto, e posteriormente disse que as palavras partiram de Eva, (3) quando em um lugar disse que foram oito as pessoas que receberam a mensagem de Noé, e, em outra oportunidade, disse que outros creram na pregação de Noé.

Vejamos, agora, como a Igreja se defende, conforme consta da página 68 do livro em foco:

"Nem sempre Ellen White narrava eventos bíblicos com absoluta precisão, demonstrando, dessa forma, que ela não é infalível. A esse respeito tinha ela muito em comum com os profetas bíblicos, que também não eram infalíveis."

Às vezes, os homens escrevem coisas sutis como se todos os leitores não passassem de uns boçaloides. No caso presente, eles sabem que estão dando à palavra "infalível" uma aplicação incorreta, pois consideram Ellen White (como os profetas bíblicos) falível em seu procedimento, mas nunca em seus escritos. E aqui se trata de coisas que ela escreveu. Logo, o termo "infalível" é usado com o propósito de confundir .

Para muitos ministros adventistas, tão elevado é o conceito que têm da Sr^a. White, como profetisa e mensageira do Senhor, que se chega a vasculhar a Bíblia, na tentativa de nela encontrar falhas, a fim de que possam ser justificadas as que ela cometeu.

Que pena! O livro termina por apoiar os enganos de Ellen White quanto a eventos bíblicos, desta maneira curiosa:

(" A Bíblia é um guia infalível para o Céu, e contudo foi escrita por seres humanos a quem foi permitido, na providência de Deus, cometer erros em seus escritos em assuntos que não afetassem a salvação de ninguém" (página 69).

Quero crer que o autor não foi muito feliz ao emitir o pensamento acima. Deus não induz ninguém ao erro, seja ele pequeno ou grande. Erro é sempre erro não deixa de sê-lo só porque ao homem possa parecer grande ou pequeno. Ele sempre afeta a nossa salvação. Erro que comete é o homem falível, mas nunca com respaldo divino, como quer o autor do livro. Se amanhã alguém acusar Ellen White em pontos relacionados diretamente com a nossa salvação, Procurar-se-á encontrar (e se encontrará) na Bíblia, semelhante situação, para que a dela possa ser justificada e desculpada. Os homens continuam os mesmos. Não mudaram. Só os métodos é que diferem um pouco, uns dos outros, quando se compara o homem primitivo com o de hoje.

“A VERDADE É O ALICERCE DA AUTORIDADE” (Catão).

O DÍZIMO E A BENEVOLÊNCIA SISTEMÁTICA

O Dr. Desmond Ford, em documento de 991 páginas, que publicou nos Estados Unidos, diz que Ellen White caiu em contradição doutrinária ao defender o plano de “benevolência sistemática” e, posteriormente, o sistema do dízimo do Antigo Concerto.

A Igreja, porém, nega que tenha havido mudança doutrinária. Para ela, “benevolência sistemática” e dízimos eram virtualmente a mesma coisa. Mas, por mais que queiramos colaborar com a Sr^a. White, é impossível ver a coisa sob este ângulo. A “benevolência sistemática” significa 1% do valor patrimonial, enquanto que o dízimo alcançava 10% daquilo que a propriedade produzia. São valores diferentes. Basta dizer que 1% do valor real da propriedade representa, quase sempre, um valor superior a 10% do rendimento do patrimônio. Só para esclarecer, vamos dar um exemplo. Seja uma residência avaliada em 10 milhões de cruzeiros. O valor de seu aluguel seria aproximadamente 60 mil cruzeiros, o equivalente a 0,6% sobre 10 milhões. Ora 1% sobre o valor patrimonial redundaria em 100 mil cruzeiros. Logo, o valor representado por 1% do total do patrimônio é mais elevado do que o número que representa 10% sobre o rendimento proveniente do patrimônio. A diferença gira em torno de 30%. Para outros tipos patrimoniais, os resultados não se afastam muito das proporções estabelecidas.

Nestas condições, não seria correto, como não é, dizer que o plano de “benevolência sistemática” e o sistema do dízimo eram virtualmente a mesma coisa. Além do mais, o que o Antigo Testamento estabeleceu foi o sistema dizimal, e não outro. O que pode ter ocorrido é que o plano de “benevolência sistemática” tenha parecido bastante extorsivo aos membros da Igreja, vindo a provocar uma mudança de posição.

O curioso é que Ellen White tenha escrito em 1859 que o plano de “benevo-

lência sistemática” era do “agrado de Deus”. W, contudo, ela mudou de opinião.

A título de elucidação, quero dizer ao leitor que a idéia da “benevolência sistemática” partiu do cérebro de James White. A participação de Ellen foi no sentido de obter a “aprovação” divina através de mais uma “visão”.

O assunto parece como sendo de autoria de Sr^a. White, e não de seu esposo, porque tudo obedecia a um plano pré-estabelecido. James era um homem que sabia o que queria. Mas não era vaidoso. Contentava-se em projetar a imagem de sua mulher.

13.

A CARNE DE PORCO

Ellen White, escrevendo a um adventista que se opunha ao uso de carne de porco, disse:

“Vi que vossos pontos de vista concernentes à carne de porco não causarão dano se o retiverdes para vós mesmos; mas em vosso julgamento e opinião fizestes desta questão um teste, e vossas ações têm mostrado claramente vossa fé neste assunto. Se Deus requer que Seu povo se abstenha da carne de porco, Ele o convencerá sobre isso. Ele está justamente tão disposto a mostrar a Seus Filhos sinceros o dever, como a mostrar o dever a indivíduos sobre quem Ele Não colocou o encargo da Sua obra. Se for dever da igreja abster-se da carne de porco, Deus revelará isso a mais de dois ou três. Ele ensinará à Sua igreja o dever” (Testemonies, vol.1, páginas 206 e 207).

Tudo o que aqui transcrevo é muito estranho, sem nexos e contraditório.

Quero, porém, destacar estas palavras:

“Se Deus requer que Seu povo se abstenha da carne de porco, Ele o convencerá sobre isso...Se for dever da igreja abster-se da carne de porco, Deus revelará isto a mais de dois ou três.”

Ora, a abstenção da carne de porco não era uma ordenação da lei mosaica referente à saúde, que os adventistas defendem com todas as suas forças? Por que Ellen White se expressou desta maneira? Por quê ?

Mas agora veja o que aconteceu cinco anos mais tarde, isto é, em 1863. Ela escreveu:

“NUNCA foi desígnio de Deus que o porco servisse de alimento sob quaisquer circunstâncias” (Spiritual Gifts, vol.4).

“Nunca foi desígnio de Deus que o porco servisse de alimento sob quaisquer circunstâncias”, disse a Sr^a. White, e no entanto ela mesma repreende um irmão que condenava esse tipo de alimento ? Há total falta de lógica e coerência em tudo isso.

Os defensores de Ellen White são extremamente corajosos, pois chegam ao ponto de dizer, sem nenhuma cerimônia, que “não há conflito algum entre” as suas declarações.

O Sr. Robert Olson, secretário patrimonial de Ellen White atribui à sua “memória fotográfica” sua mania de plagiar. Mas, no caso presente, sua memória falhou redondamente, pois cinco anos foram suficientes para que ela se esquecesse, por completo, do que Deus lhe havia “revelado” acerca da carne de porco.

“COM ERROS NÃO SE ARGUMENTA” (Osório).

O DIA EM QUE EU TIVE MUITA RAIVA

Um dia, faz anos, tive muita raiva. Em consequência, a adrenalina foi derramada com tal intensidade na minha corrente sanguínea que, por alguns instantes, todo o meu ser permaneceu em desordem. A raiva é desnecessária e inútil, todos o sabemos. Mas ocasiões há em que se torna penoso evita-la. Foi o que, àquele tempo, aconteceu comigo. Havia lido em um livro de autor protestante a informação de que Ellen White era às vezes, acometida de ataques de epilepsia, e que estes coincidiam com o aparecimento das suas “visões”.

Confesso que fechei o livro e fi-lo voltar à estante. Só alguns anos depois, e com muito medo, voltei ao assunto. Como era natural, as informações do autor soaram aos meus ouvidos como a mais lavada das mentiras. E mandei-o para “o raio que o parta”.

As coisas, porém, acontecem porque precisam acontecer. E tudo chega no tempo determinado. Pode ser que o seu “tempo”, leitor adventista, não tenha ainda chegado. Se assim for, não ficarei aborrecido se me mandar, pelo correio, os xingamentos que julgar convenientes. Digo-o porque talvez esteja passando diante de seus olhos a última coisa que você gostaria de ler.

Walter Rea, em seu livro *The White Lie* dedica um capítulo inteiro ao estudo do assunto que relaciona a saúde de Ellen White com as sua “visões”. Ele apanha o testemunho do médico William S. Sadler, amigo da família White, o qual esclareceu vários pontos da questão:

- 1) O Dr. Sadler informa que é comum às pessoas em transe catalético se imaginarem em excursões por outros mundos, e que as suas visões estão sempre de acordo com a crença que adotam.
- 2) Outro detalhe que o mesmo médico observou é que, na maioria dos casos, esses transes acontecem geralmente com pessoas do sexo feminino.
- 3) O Dr. Willian Sadler observou também que os transes que dão origem às visões aparecem depois da consolidação da adolescência, e que normalmente não

sobrevivem após a menopausa.

Quero crer que o leitor tenha compreendido as observações do médico, isto é, de que as pessoas em transe catalético têm visões sempre de acordo com a crença que abraçaram. Se Ellen White sofria de alguma doença semelhante à catalepsia, era de se esperar que tivesse visões que a ajudassem a propalar sua fé.

Note, também, que em suas “visões”, ela costumava passear por terras distantes.

Esteve em outros mundos. Em Saturno ela diz que viu Enoch.

Agora, leitor, tire as suas conclusões como achar conveniente. O que disse o médico foi justo o que aconteceu com a Sr^a. White. Segundo Walter Rea, ela deixou de ter as suas “Visões” por volta do tempo em que ocorreu a menopausa.

Veja, a seguir, o que foi publicado nos Estados Unidos em Maio de 1981, e até mesmo noticiado na Revista Planeta, de Outubro/82;

“Uma pedra que foi atirada contra a testa de uma fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen Gould White, quando ela tinha nove anos, certamente explica satisfatoriamente as suas visões, que são fundamentos da Igreja, dizem dois médico. A pedra causou uma forma de epilepsia, disseram em uma entrevista os doutores Delbert Hodder e Gregory Holmes de Connecticut.”

Um dos médicos, o Dr. Delbert Hodder, é adventista.

O que li do autor protestante acerca de Ellen White não me trouxe nada, naquela ocasião, a não ser desapontamento. Quanto a você, leitor adventista, não sei o que estará acontecendo em face da apresentação deste assunto.

Espero que não seja acometido de nenhum acesso de raiva, como aconteceu comigo, no passado. Antes, alegre-se por estar conhecendo mais alguns fatos, talvez até agora desconhecidos por você, acerca de Ellen White !

QUANDO O DINHEIRO É IMPORTANTE

Para que uma seita possa crescer não precisa ter princípios verdadeiros. Basta, para começar, contar com dólares americanos, ter ministros que digam coisas que o povo gosta de ouvir e que eles mesmos durmam em berço esplêndido, na certeza de que também não ouvirão o que não desejam ouvir.

È o que está acontecendo com a controvérsia acerca de Ellen White. A sua defesa, feita por uma empresa americana é, com certeza, o que ministros e leigos acomodados querem ouvir.

Ellen White é extremamente importante para a Igreja. A sobrevivência desta se firma na medida em que cresce o conceito dos fiéis acerca dela. Ela é tão necessária à Igreja, que chega a ser indispensável. Por isso, o adventismo não mede nem sonega recursos para defende-la. Ninguém parece estar interessado em apurar os fatos. O importante é a “defesa”. A defesa a todo custo. E ela veio.

A solução seria contratar a firma **Diller, Ramik & Wigt Ltda.**, especialista em patentes, marcas registradas e direitos autorais, com sede em Washington, Estados Unidos. E assim foi feito, o Dr. Ramik começou sua difícil missão. Mas como se trata de um advogado hábil, ele procurou, desde logo, talvez por sugestão dos contratantes, focalizar a questão sob o ponto de vista legal, que interessa, em detrimento do aspecto moral, que é o que realmente importa para os membros da Igreja. Se eu faço parte da Igreja Adventista, e descobro que Ellen White plagiou uma série de autores que a antecederam, eu me decepciono, e passo a ter sobre ela um conceito diferente. O fato de um advogado ser bem pago para dizer que, pelas leis americanas, ela não seria condenada por haver usado material de outros, não tem o poder de mudar o meu ponto de vista. Importa-me olhar a questão sob o aspecto divino, e não do ponto de vista legal.

Vamos pensar um pouco. Eu pratico uma pequena falcatrua, e nem por isso a justiça me condena. Eu engano o meu semelhante em uma transação comercial, e não me levam para a cadeia. Coisas assim podem acontecer. Mas isto não

significa que eu esteja em paz com a minha consciência. Pois bem. O relatório do Dr. Ramik pode acomodar a consciência de incautos e interesseiros, mas não a daquele que vê as coisas com clareza.

O Dr. Ramik, segundo entrevista publicada na Revista Adventista confessa-se católico romano. E afirma que de Ellen White o único livro que leu, de capa a capa, foi o Grande Conflito. Vê-se logo que o defensor da Sr^a. White não está em condições de analisar o assunto do ponto de vista moral, mas apenas sob o aspecto legal. Quem lê apenas um dentre vários livros de um autor, não pode dizer que conhece a sua obra. E o curioso é que o Dr. Ramik se, de capa a capa, leu apenas o Grande Conflito, não pode dizer que leu alguma coisa de Ellen White, pois este livro foi, em quase sua totalidade, escrito por James White, seu marido, utilizando-se de material apanhado de outros autores, o que tive ensejo de esclarecer no capítulo seis.

Não posso deixar de mencionar, aqui, o fato de que todos temos o direito de defesa. É um princípio universal. Até o mais reles dos criminosos faz jus a um advogado para defendê-lo. O Dr. Ramik foi contratado pela Igreja para fazer a defesa da Sr^a. White. E a fez. Quando se contrata um advogado, faz-se um negócio, efetua-se uma troca de interesses. É tudo muito simples. Onde já se viu alguém acusar o réu, se foi contratado para defendê-lo, a não ser nos programas cômicos de Jô Soares? Quem é pago para defender não pode acusar. Outra coisa. Disse acima que o Dr. Ramik é católico romano. Digo-o porque ele o disse primeiro. Agora, veja bem, leitor. Em o Grande Conflito ele leu coisa assim:

“Conforme fora predito pela profecia, o poder papal lançou a verdade por terra.”

“A ordenança escriturística da ceia do Senhor fora suplantada pelo idolátrico sacrifício da missa”.

Ele não deve ter simpatizado com estes ataques e com outros até mais pesados. Mas o que poderia fazer se fora contratado para defender Ellen White, e não para acusá-la?

Li no mesmo número da Revista Adventist, mencionando linhas antes, esta afirmação do Dr. Ramik:

“Falemos agora de Walter Rea. Ele leu a obra de Ellen White e afirmou: encontrei uma frase aqui, um parágrafo ali, que pertencem a outros escritores. Bem, isto não prova nada; é apenas uma suposição.”

Eu digo, porém que se alguém desejar saber se Walter Rea provou alguma coisa leia **The White Lie**. Ver-se-á que ele não encontrou uma frase aqui, outra acolá. O que ele encontrou foi o plágio no mais alto grau e estilo. O que ele encontrou foi plágio até de títulos de capítulos. O que ele encontrou foi a apresentação em O Grande Conflito até mesmo de quadros subtraídos, com dolo, do livro A História do Protestantismo, de Wylie. E tem mais. Veja o que disse o ex-pastor adventista, em carta que me enviou, nestes dias: “Eu tenho estado trabalhando em **Sketches from the Life of Paul**, mostrando que acima de 90% ele foi copiado.” Isto não é uma frase aqui, outra ali, mais uma acolá. Por outro lado, a Igreja tem dificuldades em explicar como o Espírito de Deus deixou passar os erros históricos que existem em O Grande Conflito. O próprio Sr. Robert Olson, secretário patrimonial de Ellen White, disse o seguinte: “Seguindo Wylie, a Sr^a. White parece ter feito várias declarações errôneas (a respeito de Huss em O Grande Conflito), as quais são agora consideradas historicamente inexatas. Eu aceito o fato de que a Sr^a. Seguiu Wylie proximamente, muito proximamente, em O Grande Conflito, das páginas 97 até a página 110. É difícil para mim acreditar que o Senhor tenha dado a Sr^a. White uma visão ou uma série de visões que, em quinze páginas, coincidem com Wylie, nos mesmos detalhes” (Questions and Problems Pertaining Mrs. White's Writings on John Huss).

Não obstante a presença de uma situação nitidamente fraudatória com a defesa do Dr. Ramik todos podem dormir tranquilamente. Vai tudo bem com a consciência de cada um. O advogado colocou todas as coisas nos lugares certos.

O Dr. Warren J. Johns, chefe do Departamento Jurídico da Associação Geral da IASD, em entrevista à Revista Adventista disse:

“Acima de tudo, queríamos descobrir a verdade, a despeito das consequências. Achávamos que ele (O Dr. Ramik) descerraria os fatos, aplicaria a lei e resolveria a questão para a Igreja, de uma vez por todas”.

Os psicólogos não desconhecem o fato de que as pessoas têm dezenas de maneiras sutis para iludir os seus semelhantes. E uma delas é procurar valorizar uma atitude que desejam pôr em destaque, deixando a impressão de estarem pondo em risco a causa que defendem. Foi, possivelmente, o que aconteceu com o Dr. Johns, quando usou a expressão: “...a despeito das consequências...” Primeiramente, porque o crente, quase sempre simples, sincero e de boa fé, não percebe as intenções que estão por trás das palavras, e em segundo lugar, porque o encenador, como o prestigiador diante do público, está seguro de que não corre qualquer risco. Ele sabe o que faz. Tudo obedece a condições pré-estabelecidas. O Departamento Jurídico da Associação Geral, ao contratar o Dr. Ramik para defender Ellen White, sabia o que estava fazendo. Sim, sabia o que estava fazendo. A lógica o diz. Vejamos: se o Dr. Ramik tivesse condenado a Sr^a. White, por fraude, o que faria a Igreja? Daria ordem de despejo aos seus escritos, isto é, abriria mão da sua “inspiração”? Não acredito que ela o fizesse, e não creio que possa alguém pensar diferentemente. Assim sendo, por que contratar um advogado? Para quê? Para mim, tudo isso não passa de uma farsa, uma tentativa para continuar enganando os incautos. A Igreja, como o mágico esperto diante de uma platéia que se delicia em ver as mágicas, sabia o que estava fazendo quando contratou o advogado de defesa.

Quando se perguntou ao Dr. Johns se o relatório de 27 páginas do Dr. Ramik poria termo à questão, ele prontamente respondeu:

- Totalmente.

Agora sim, o assunto está definitivamente encerrado. Os leigos já podem dormir o sono da inocência. O Dr. Johns disse que “Ao utilizar-se de material literário de outros autores, a Sr^a. White agiu inteiramente dentro dos limites da lei”. Conclusão: a lei não a condenou. Logo, o que ela, seu marido e assistentes

apanharam de outros escritores não tem a menor importância. É coisa corriqueira. **E vive lê Roi !**

Todas as evasivas são válidas. Até mesmo aquela que partiu de uma senhora adventista, dirigindo-se a mim:

- Esses escritores é que plagiaram a irmã White.

O ser humano, ao tomar conhecimento do mundo que o cerca, aprende com extrema facilidade, a enganar a dois tipos de pessoas: aos outros e a si mesmo. Mas onde ele mais se esmera é em enganar a dois tipos de pessoas: aos outros e a si mesmo. Mas onde ele mais se esmera é em enganar a si mesmo. Neste caso, ele não precisa contar com a ignorância, a tolice e a boa fé da outra parte. Basta a sua própria condição, que ele pode manipular a seu bel-prazer. O “totalmente” que o leitor leu, linhas acima, partiu de um homem que está procurando enganar a si mesmo.

“A VERDADE DE NADA SE ENVERGONHA,
SENÃO DE ESTAR OCULTA” (Lope de Veja).

16.

ISTO A IGREJA NÃO PODE DIZER NEM EXPLICAR

O Dr. Ramik concluiu pela inocência total de Ellen White. As leis americanas não a acusam de fraude de direitos autorais. Está tudo bem, e em casa.

Agora, leigos e assalariados podem ficar tranquilos. Os fundamentos da Igreja continuarão firmes como nunca. Irremovíveis como o Pão-de-Açúcar. E ela continuará sua marcha vitoriosa. Conferencistas, mestres, ministros e professores de escolas de sabatinas continuarão a dizer, agora com mais ênfase do que nunca, que os escritos da Sr^a. White são tão inspirados quanto os da Bíblia Dt. 18:21 e 22 não se aplica a ela.

Isto poderão dizer, e o que mais desejarem acrescentar. Mas por acaso, estarão os sensatos dispostos a aceitar essas patranhas? Não posso acreditar. Eu já estou sentindo as reações. Que falem as cartas que tenho recebido de adventistas, alguns deles preocupados e até angustiados com o estado de incerteza em que se encontram. São pessoas sinceras que querem explicações honestas, a todo custo. A estes eu tenho dito que explicações não, mas “explicações” têm sido fornecidas pelos órgãos publicitários da Igreja, notadamente pela Revista Adventista. Eles, porém, ainda não conseguiram explicar porque o nome de Ellen White consta na capa de O Grande Conflito, como autora, quando é sabido que o livro foi preparado por James White, seu marido, que, por sua vez, plagiou, em grande parte, de Sylvester Bliss, Uriah Smith e J.N. Andrews. Igualmente, a Igreja não pode esclarecer quanto ao Dr. Ramik recebeu para dizer que Ellen White é inocente das acusações que lhe têm sido feitas.

A rigor, não é a Ellen White que os adventistas devem chamar de profeta e mensageira do Senhor, mas aqueles de quem os escritos a ela atribuídos foram subtraídos, cuja lista não é pequena. Isto posto, conclui-se que a Igreja, ao contratar um advogado para fazer a defesa da Sr^a.White (o que na realidade significa defender a própria igreja) não fez outra coisa senão investir no falso. Todas essas questões, leitor, são fundamentais. Mas sobre elas a Igreja silencia, porque isto é o que lhe convém, acima de tudo. Agora, a solução aí está. Eles (o Dr.Ramik e os líderes) chegaram a bom termo.

O Dr.Ramik concluiu, falou e disse.

Francamente, irmão adventista, eu esperava que, dentro de toda essa conjuntura, a Igreja assumisse uma atitude de mais coerência e seriedade. Mas eu me decepcionei. E como me decepcionei !

17.

ELA NÃO MORREU

O ser humano é quase sempre muito sentimental. É por isso que ele, quando se refere a alguém que já morreu, o faz com visível respeito. Não importa que tipo de contribuição tenha legado para a humanidade. A tendência é levar as virtudes do falecido para um patamar elevado. Hitler, cerca de quarenta anos depois de sua morte, já não parece ser o incrível facínora que sempre foi. Lampeão está sendo endeusado e respeitado. Possivelmente, estátuas serão levantadas em homenagem a Arafat, depois de sua morte. Quem já morreu é sempre melhor do que realmente foi. Não estou estabelecendo qualquer tipo de comparação entre Ellen White e aqueles. Os fatos são diferentes, como diferentes são as pessoas.

O que quero destacar é que sempre há uma aureola de respeito em favor de quem já morreu. E Ellen White não fugiria à regra geral. O seu prestígio como profetisa e mensageira do Senhor cresceu, depois de sua morte, como era de se esperar. Ela morreu, mas continua viva para milhares e milhares de adventistas do sétimo dia.

Engana-se aquele que pensa que a sua obra está agonizante. É ilusão pensar assim. Ela hoje, mais do que no século dezenove, tem seus incontáveis defensores, que precisam explorar seu nome, a fim de poderem sobreviver. Os seus promotores não podem permitir que os seus escritos morram. Esses “puxadores” de palmas e cordões continuarão com a cortina levantada, para que os assistentes continuem distraídos com a imagem dela. O líder sabe que não é difícil manter a multidão a seu lado, quando ele diz coisas que gostam de ouvir. Os membros da Igreja continuarão a escutar o que apreciam ouvir. Não importa se o que Ellen White falou a respeito de diversos assuntos não se coaduna mais com a realidade dos nossos dias. Não importam seus erros doutrinários, os seus plágios nem mesmo as profecias não cumpridas. Não importa sequer se a maioria não segue os seus conselhos sobre vestimenta, alimentação e outras questões.

Muitos líderes religiosos existem apenas para que suas palavras sejam ouvidas. Não precisam ser praticadas. O que mais as multidões apreciam é serem dirigidas.

Nem mesmo tem importância se o líder já morreu. Os animadores teológicos se encarregam de manter a tocha acesa, ainda que não se trate de fogo sagrado.

Só o homem que VÊ faz a diferença. Só o homem esclarecido percebe que ele mesmo é o próprio líder. E não Ellen White, Joseph Smith, Mary Baker Eddy ou outro qualquer. Para que quero um líder, ainda que religioso ? Para dizer o que devo fazer ? Isto não tem qualquer sentido. O mais elementar princípio de lógica me diz que somente eu devo responder pelas minhas próprias decisões. Eu é que preciso tomá-las, e não outros em meu lugar.

Adventistas e evangélicos têm acusado a Igreja de Roma de haver dificultado, de todas as formas, a leitura da Bíblia pelos seus fiéis, tornando-lhes difícil encontrar o caminho da salvação. A acusação é procedente. Mas os adventistas, de igual modo, fazem da salvação alguma coisa bastante penosa, facilitada apenas pela orientação dos escritos da Sr^a. White. Não dizem eles que esses escritos são uma luz menor para nos ajudar a compreender a Luz Maior ?

Como pode uma luz menor favorecer a Luz Maior ? Pode o discípulo instruir o sábio que o assiste ? A Bíblia não precisa de muleta. Ela é toda auto-suficiente. È com o auxílio dela mesma que a compreendemos. Há alguns “anjos” que se oferecem para ajudar. Mas creio que podemos perfeitamente dispensar a ajuda deles. Um é o Moroni do mormonismo, e o outro, o “anjo assistente” de Ellen White só a duras penas pode ser alcançada.

Meu amigo leitor, precisamos para de assumir atitudes tolas. O segredo está em libertarmo-nos do medo. Quando isto acontece deixamos de praticar as tolices. Não cometa o crime de permitir que a sua consciência se cauterize ! Não a drible ! Não abone os erros de ninguém, nem mesmo os de Ellen White, ainda que isto possa custar-lhe a perda de alguma coisa ! O que conseguimos pelos caminhos do engano é de nenhum valor. Podemos perder. Devemos perder.

Em que pese serem as provas até agora apresentadas mais do que suficientes para justificar a perda daquilo que você encara como ganho, quero dizer-lhe alguma coisa mais, para sua consideração. Em 1867 Ellen White declarou: “Embora eu seja tão dependente do Espírito do Senhor quando escrevo minhas visões como quando as recebo, as palavras que eu emprego para descrever o que vejo SÃO MINHAS” (o destaque é meu).

Mais tarde, em 1882, ela disse:

“Eu não escrevo um artigo no jornal, expressando meramente minhas próprias idéias. São elas o que Deus tem apresentado diante de mim em visão- os preciosos raios de luz brilhando do trono”.

Leitor adventista, permita-me, aqui, levantar uma pergunta tão dura como mais não poderia ser.

- Por que a Sr^a. White disse que as palavras eram sempre dela, quando na Verdade e em grande escala, foram tomadas de outros autores por ela mesma, pelo seu marido e ainda por uma dezena de assistentes ? Por que precisaria ela dizer uma inverdade ?

Pode acontecer que você que me lê talvez não conheça este outro detalhe curioso e decepcionante na vida da Sr^a. White. Em 1898 ela escreveu um artigo que foi publicado em **Review and Herald**, onde se podia ler:

“Nas visões da noite, ministros e obreiros pareciam estar em uma reunião onde as lições da Bíblia estavam sendo ministradas. Nós dissemos: “Temos o Grande Professor conosco hoje”, e escutamos com grande interesse as suas palavras. Ele disse...”.

O que foi que Ele (o Senhor) disse ? Nada, leitor. O Senhor não disse nada pela boca de Ellen White. A maior parte do que ela escreveu e publicou no referido artigo, naquela oportunidade, foi extraída de **The Great Teacher** (O Grande Professor) de John Harris. É inacreditável que ela tenha usado as palavras, pensamentos e idéias de John Harris e os tenha atribuído ao Espírito de Deus. O que a levou a praticar tamanha leviandade ? Por que

disse que havia recebido a mensagem em visão, quando a maior parte do artigo havia sido copiada de O Grande Professor ? Por quê ? Para mim, melhor do que fazer qualquer especulação é dizer: não sei.

Eis aí, leitor, a senhora que continua viva em sua mente, participando de sua vida, influenciando-o, às vezes, em suas decisões. Não, ela nunca foi uma mensageira do Senhor no sentido que se costuma imprimir ao termo. Seus plágios, suas profecias que se não cumpriram, seus erros doutrinários, seus equívocos relacionados com acontecimentos bíblicos, suas constantes mudanças de posição teológica, suas visões plagiadas, seus testemunhos irreais dirigidas, em nome de Deus, aos que, de alguma forma, discordavam dela, não a credenciam como profetisa e mensageira do Senhor.

Não importa que ela tenha sido boa mãe e boa esposa. Esta condição é necessária, mas não suficiente. Ninguém é profeta sem o chamamento divino.

E decididamente Deus não chamou Ellen White para esse tipo de missão. E por não ser profetisa e haver estabelecido bases frágeis para a Igreja que surgia em 1844, é que ela agora está em dificuldades, como em dificuldade está também o movimento que ela ajudou a fundar.

Sem dúvida alguma, as vidraças da igreja não estão intactas. Já podemos ver as impurezas do seu interior. Apesar de tudo, Ellen White continuará vivendo a vida de leigos e assalariados. Só um milagre poderá alterar a situação.

Mas quanto a você que me lê, irmão adventista, se as suas atitudes forem pautadas pelo bom senso, restar-lhe-á uma coisa: libertar-se do engano e não permitir que pessoa alguma imponha o nome de quem quer que seja para ocupar, em sua vida, o lugar só reservado para Cristo. Por que continuará cometendo tamanha agressão contra você mesmo ?

“PROCURA CONVIVER ENTRE PESSOAS
QUE TE ENSINEM O CAMINHO ENTRE
AS ESTRELAS, PORÉM,, QUANDO ENCONTRARES A LUZ,
NÃO A NEGUES AOS QUE FICARAM NAS TREVAS”(W.A.Peterson).

18.

OS “INIMIGOS” DA VERDADE

Seria necessário que Ellen White fosse muito ingênua para não perceber que chegaria o dia em que os seus equívocos transporiam as fronteiras guarnecidas pelos seus fiéis defensores. Ela não era inteligente. Se o fosse não precisaria plagiar para produzir literatura. Mas era sagaz. E porque o era em exagero, acabou sendo prisioneira do próprio laço que armou para os outros. O engano foi denunciado por alguns homens decentes do seu tempo. Mas estes não chegaram a estabelecer uma mudança de rumos. Eles eram poucos, enquanto que os outros eram incontáveis. E porque eram incontáveis, a igreja continuaria, por muitos anos, com as vidraças intactas. Mas agora, parte da verdade acerca da Sr^a. White está aflorando. Digo que não é toda a verdade, porque o restante, o que falta, está guardado debaixo de sete chaves no **White Estate, em Washington. D.C.**

Ninguém pode, ninguém “precisa” tomar conhecimento do resto. Ainda bem que estas páginas, chegando até você, estão ajudando-o a tomar ciência de alguns fatos que, de outra forma, não chegariam ao seu conhecimento.

Ellen White e seu marido James eram sagazes. A prova disto é que eles, olhando à distância, como quem vê o futuro, perceberam que nem tudo são flores durante todo o tempo. Um dia elas poderiam murchar. Por isso, era necessário uma saída estratégica para remediar o que pudesse acontecer em tempos do futuro longínquo. Qual a solução encontrada ? Nada mais, nada menos do que acusar de “inimigos” da verdade, todos os que viessem um dia a discordar dos seus escritos ou que contra ela tivessem a petulância de protestar.

A lição foi bem aprendida, até mesmo pelos membros leigos. E hoje, quando alguém tem a coragem de erguer a voz contra os erros doutrinários da Igreja é logo penalizado de todas as formas. Primeiramente, procede-se a um rosário de lamentações, seguido de fervorosas orações. Mas se o “rebelde” não retorna ao seio da comunidade, lança-se o veredicto final, mais ou menos nestes termos: “A irmã White já profetizou sobre os que deixarão as nossas fileiras. Torna-se-ão os nossos maiores inimigos.”

O que acontece hoje era fato comum no tempo de Ellen White. Veja o que disse Uriah Smith, em um momento de desabafo e coragem:

“A idéia que tem sido cuidadosamente instilada na mente do povo é que questionar as visões é no mínimo tornar-se um apóstata rebelde e sem esperança; e também muitos (sinto muito em dizer-lo) não têm força de caráter suficiente para se livrarem deste conceito; a partir do momento em que faz qualquer coisa para abalar a fé nas visões, eles perdem a fé em tudo e vão para a destruição” (Smith to Canright, 06.04.1884).

Enquanto isso, pessoas sinceras estão esfregando os olhos com as mãos, dando os primeiros sinais de estarem acordando para o verdadeiro significado da vida. Oxalá essa obra de libertação não pare ! Antes aconteça em todo recanto, por menor que seja, onde esteja um adventista do sétimo dia.

A luz está chegando para muitos. E você leitor adventista, não pode, por mais tempo, deixar-se enganar por mestres equivocados, muitos deles conscientes da posição atravessada que estão assumindo.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia e Ellen White prosseguirão juntas, apesar dos métodos, dos processos e da fraude. Os colaboradores de Ellen White continuarão a dizer que ela é a maravilhosa mensageira dos tempos modernos, comissionada pelo Céu para ensinar o povo a entender a Bíblia. Mas você só acredita nisto se quiser. E se for tolo.

Agora, a Igreja está em crise. Crise que se avoluma. As vidraças começam a se partir, o que me permitiu mostrar ao leitor uma parte do seu interior, a sua outra face. Provavelmente você a desconhecia.

Você é, com certeza, um dos poucos adventistas a ler e examinar esses depoimentos. Muitos não o farão. Uns, por desinteresse; outros, por medo. Ainda assim, eu estou satisfeito, pois melhor é uma verdade aceita por poucos do que uma mentira acalentada por muitos.

Disse que a Igreja está em crise. E está. Os acontecimentos dos últimos dois anos têm deixado a liderança extremamente preocupada. Nos Estados Unidos a crise atinge proporções inquietadora. O **New York Times** de 06.11.82 publicou, com destaque, um artigo com este título: “7th-Day Adventists Face Change and Dissent”. Note alguns tópicos inseridos nele:

“Mais de 100 ministros já se demitiram da Igreja, ou têm sido forçados a fazê-lo.”

“As publicações da Igreja refletem a crise em cada etapa”.

“O foco do fermento dos adventistas é a Universidade de Andrews.”

“Vários incidentes nos dois últimos anos têm provocado o aparecimento de tensões e abaixamento da moral.”

“**Evangélica**, uma revista não oficial, que foi fundada na Andrews, há dois anos, como a voz do protesto, promove o mais estridente ataque á Igreja.”

A Igreja, nestes dias atuais, está passando por “maus-bocados”. Mas ainda assim, podemos dizer, à maneira francesa: **A quelque chose malheur est bon.** Sempre que há infortúnio, alguma coisa boa sobra do meio dos escombros. Às vezes a crise é necessária, a fim de que alguns possam tornar-se mais receptivos à luz da verdade.

“NÃO IMPORTA QUANTOS PASSOS VOCÊ DEU
PARA TRÁS. IMPORTA QUANTOS PASSOS VOCÊ
VAI DAR PARA A FRENTE” (Décio Melhem).

O VÉU, O GRANDE EMPECILHO

Sob este título, transcrevo aqui, com permissão do autor, o EPÍLOGO do do livro **THE WHITE LIE**.

A história de Cristo não termina na Cruz. Vai direto para a Ressurreição e a nova vida. Ela dá sentido à vida diária e esperança após a sepultura. Para o indivíduo e para a instituição igualmente, isto significa BOAS-NOVAS, não para um futuro distante, mas para o **aqui** e o **agora**.

Se Deus tinha um plano para Ellen White, este era o mesmo plano que Ele tem para todos nós, -que durante a nossa existência podemos ser os vasos do Evangelho e início de nova experiência em Jesus Cristo, e que podemos ser instrumentos para outros. Esta era a verdadeira inspiração e revelação de Deus para Ellen White.

É uma fascinante história que a Igreja Adventista ganhou a existência e ênfase a partir da fé no Segundo Advento trazido pelos proponentes mileritas.

Mas o adventismo igualmente sucumbiu com a mesma doutrina. Sem o cumprimento do advento que haviam predito, eles se voltaram para dentro de si mesmos e se concentraram em sua própria experiência. Em vez de colocarem em primeiro lugar um novo nascimento espiritual para a sua vida diária, eles colocaram Ellen White na frente como um véu entre eles e Deus, entre eles e uma experiência de renovação espiritual.

Entre os tempos do Novo e Velho Testamentos permanecia a Cruz. O véu que ocultou a Cruz dos olhos e coração da nação judaica foi seu sistema de sacrifícios, exigências e obras. Seu sistema conservou-os com as costas inclinadas e as cabeças abaixadas, de modo que não podiam ver a Deus através de Seu Filho. Seu sistema de leis, teorias e axiomas tinham escravizado o corpo, a mente e a alma. Seus líderes eram mais importantes do que a verdade do Evangelho de Cristo. Enquanto os sacerdotes do sistema apegavam-se ao

pai Abraão, negavam ao povo o acesso ao verdadeiro Pai de todos.

Um sistema torna-se obsoleto quando ele interpõe um véu de salvação pelas obras, através de algum intermediário, entre o homem necessitado e Deus. Esse véu impede-lhe a comunicação direta.

A mesma coisa aconteceu com a Igreja Adventista. Cristo não veio em 1844. Mas o grupo expectante não foi capaz de confessar o erro, o começo de todos os começos. Enganos foram chamados de “erros de cálculo”. Extremismos eram rotulados de zelo. Os escritos de Ellen White tornaram-se “a palavra de Deus”. Assim, ela se tornou o véu que escondeu Cristo do povo. Tivessem os administradores, os clérigos e os homens de negócio do sistema passado para além do véu que eles próprios criaram (Ellen White), poderiam seguramente ter encontrado o Cristo que eles professavam estar procurando.

Em tempos passados, Deus havia removido o véu do velho serviço e abolido todo o sistema de sacrifício. A remoção foi logo estabelecida pelos sacerdotes para que pudessem continuar seu controle sobre o povo que eles representavam. A fumaça dos seus sacrifícios continuou a subir vagarosa e desordenadamente através do céu. De acordo com um autor:

“E ainda o sumo-sacerdote entrava no Santíssimo uma vez cada ano e salpicava o sangue sobre o trono da graça. O sangue, no entanto, apelava para Deus, em vão. Agora Cristo, nosso cordeiro pascal foi sacrificado por nós (I Co 5:7). Finalmente, Deus, em justa cólera, acabou com o velho sistema, na destruição de Jerusalém por Tito, quando o templo foi incendiado, e os sacrifícios judaicos foram para sempre abandonados”.

Pode-se esperar, no entanto, que os administradores e homens de negócio do sistema adventista do sétimo dia aprenderão a lição do passado, que eles serão solícitos em juntar o povo, passando para além do véu de Ellen White. Se eles tiverem a coragem de fazer isto, podem ainda encontrar o Cristo que escapou aos mileritas, e cuja demora tanto atormentou os fiéis do prematura advento.

SEGUNDA PARTE

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE

Como tem acontecido com relação aos leitores adventistas, de idêntica forma, um razoável contingente de cartas tem chegado às minhas mãos da parte de evangélicos: ministros, missionários e leigos em geral.

Evangélicos há que querem a razão por que dificilmente um crente adventista é removido dos seus propósitos doutrinários, enquanto que o êxodo de protestantes para o lado de lá é geralmente acentuado. O Sr.P.R. da Silva, da Grande São Paulo, me faz esta pergunta:

Como conseguiu deixar a Igreja Adventista, coisa difícil de acontecer ?

É preciso que eu diga aos irmãos evangélicos que o povo adventista tem qualidade que jamais poderemos ocultar, ainda que queiramos. Eles são ordeiros, amigos entre si, geralmente corretos em suas transações comerciais, avessos ao jogo e a vício. São temperantes, apesar de alguns exageros. São bons cidadãos, pacatos e respeitadores. E muitos de seus ministros e obreiros levam uma vida de trabalho e abnegação em função daquilo que crêem. É natural que uma situação, assim reinante estabeleça um clima de fixação do crente em sua comunidade. Estes, todavia, não são os elementos decisivos para essa permanência. Fatores outros há que contribuem, de maneira marcante, para esse estado de coisas.

Especialmente algumas interpretações muito curiosas tiradas de certos trechos bíblicos determinam, de forma concreta, os parâmetros desse **establishment** duradouro. Na maioria dos casos, se não na sua totalidade, tais interpretações foram fruto dos cérebros dos pioneiros,, notadamente James White, sua esposa e Uriah Smith. Mas foram especialmente James e sua mulher (uma senhora cuja a saúde mental fora posta em dúvida até mesmo por autoridades médicas), que traçaram as norma básicas para o florescimento do movimento religioso que dava os seus passos decisivos, a partir de 1844. Era a Igreja Adventista que surgia.

Um movimento que hoje conta com cerca de três milhões de adeptos em todo o mundo.

Os homens do adventismo sempre se mostraram extremamente cautelosos e sagazes. Eles, como ninguém, sabem como arrebanhar almas para o seu lado. São especialistas em ganhar os que já são cristianizados. E, o que é mais importante, conhecem o segredo que determina a fixação do fiel na comunidade. Os processos que usam não me parecem corretos, já que são baseados, principalmente, em interpretações irreais de certos textos bíblicos. Esta segunda parte do volume procura mostrar esta outra faceta da igreja de vidro.

Os adventistas dispõem de um considerável número de homens treinados para realizarem séries de conferências públicas em cidades adrede escolhidas e preparadas para esse tipo de evangelismo. Ninguém, melhor do que eles, sabe penetrar nos corações sinceros de jovens, homens e mulheres. Essas reuniões públicas são a arma mais poderosa de que se utilizam para encher seus templos nos dias atuais. Dispõe de bons oradores.

Nas conferências que realizam, as primeiras palestras giram em torno dos maléficos do fumo e do álcool. Em seguida, abordam temas sobre saúde, higienismo, namoro, noivado, casamento e felicidade conjugal. Estes últimos temas visam impressionar a juventude. Mas tudo isso é apenas a isca para chegarem à meta desejada, que é a exaltação da Lei e de Ellen White, o que fazem no momento psicológico. E isto é justo o que nos deixa contristados. No final das reuniões, que geralmente duram vários meses, conseguem arrebanhar para o lado deles um bom número de católicos e evangélicos. Dificilmente conseguem conquistar um jeovista ou um mormonista, já que estes são treinados para não caírem em armadilhas teológicas. Jeovistas e

Mormonistas simplesmente não vão a essas reuniões. O mesmo não acontece com evangélicos, que se deixam apanhar com relativa facilidade.

Esporadicamente os adventistas conseguem alcançar um es piritista, o que é bom, pois a mudança é, apesar de tudo, vantajosa.

Uma vez conquistado o evangélico, começa o seu trabalho de fixação na nova igreja . E como isto é feito está, em parte, relatado nos capítulos desta segunda parte.

Os ministros protestantes só ganharam em organização e experiência se, de quando em vez, assistissem a essas conferências. Só que naturalmente, devem ter cuidado de não baixar a guarda, sob pena de também correrem o mesmo risco, a que é submetido o leigo de sua igreja.

É conveniente anotar, aqui, que os conferencistas da Lei dizem que usam esse processo “cauteloso” para seguirem o exemplo de Paulo, que se fazia de judeu para ganhar os judeus e de gentios. A diferença porém , é que o apóstolo apresentava as Escrituras na sua verdadeira dimensão. Sem desfiguração.

“É POSSÍVEL ENGANAR PARTE DO POVO, TODO TEMPO;
É POSSÍVEL ENGANAR PARTE DO TEMPO, TODO POVO;
JAMAIS SE ENGANARÁ TODO POVO, TODO TEMPO.”

(Abraão Lincoln).

21.

AS SETE IGREJAS DO APOCALIPSE COMO ARMA

O acentuado gosto pelas datas

Os adventistas, desde os seus primórdios, sempre demonstram aprimorado gosto pelas datas. Brincam com elas até mesmo em se tratando de assuntos sérios como os que se relacionam com temas proféticos. Tem sido assim desde a quarta década do século dezanove, quando marcaram sucessivas datas para a volta de Cristo à Terra.

Aqui também, nas mensagens enviadas a igrejas da Ásia, encontraram um jeito todo especial para incluir as indispensáveis datas. Por quê? Para quê? Você conhecerá as intenções no decorrer deste capítulo.

As setes cartas que, de Patmos, S. João escreveu, foram dirigidas às igrejas de Éfeso, Esmirra, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia.

Lendo-as com cuidado, é fácil selecionar esses detalhes:

- 1) Cada carta contém uma promessa ao vencedor.
- 2) As Igrejas em Éfeso, Pérgamo e Tiatira receberam elogios e reprovações.
- 3) A carta à igreja de Sardes contém várias reprovações.
- 4) As igrejas de Esmirra e Filadélfia foram as únicas que não receberam qualquer repreensão.
- 5) A igreja de Laodicéia não fez Cristo um só elogio. Há, por outro lado, reprovações e conselhos.

As cartas de João foram, como dissemos, dirigidas a igrejas da Ásia. Não parecem ter, como querem alguns, nenhuma relação com períodos de tempo definidos da História. O conteúdo delas não autoriza qualquer tipo de interpretação nesse sentido. Os adventistas, todavia, não querem que assim seja. E como eles gostam muito de datas proféticas, o que fazem muito abusivamente, fato que se verifica desde as suas origens, chegaram a organizar o arbitrário esquema abaixo:

- a) Carta à igreja de Éfeso: corresponde ao período de tempo que vai da Ressurreição ao ano 100
- b) Carta à igreja de Esmirra: do ano de 100 até 323.
- c) Carta à igreja de Pérgamo: do ano de 323 até 538.
- d) Carta à igreja de Tiatira: do ano de 538 até 1798.

- e) Carta à igreja de Sardes: de 1798 até 1833.
- f) Carta à igreja de Filadélfia: de 1833 até 1844.
- g) Carta à igreja de Laodicéia: de 1844 em diante.

Trata-se de uma esquematização adaptada para um fim específico, como veremos. A rigor, eu não precisaria juntar, como farei, alguns fatos que comprovam que as setes mensagens de João são realmente cartas dirigidas a igrejas da Ásia, e nunca períodos de tempo determinados por datas escolhidas de maneira mais ou menos arbitrária. Necessitaria alguém provar que João, ao escrever as sete cartas a igrejas da Àsia, tinha essa intenção, se ele já o disse ? A linguagem de identificação que ele usa é clara:

“Ao anjo da igreja que está EM ÉFESO. Ao anjo da igreja que está EM FILADÉLFIA.”

Os que defendem a hipótese (pois trata-se apenas disto mesmo) de períodos de tempos definidos, é que devem apresentar as provas, e não outros. Eles nunca o fizeram convincentemente. Limitam-se a dizer coisas deste naipe:

“Uma florescente igreja cristã foi fundada por Paulo em Êfeso, e João ali viveu e ensinou algum tempo. A carta de Cristo dirigida ‘ao anjo da igreja que está em Êfeso’, porém, não se relaciona com a igreja da cidade de Êfeso, mas como vimos, com o primeiro período da igreja cristã, a igreja apostólica, que se estendeu desde o ano 31 até o ano 100, ao morrer João, a última testemunha pessoal de Jesus” (A Verdade Sobre as Profecias do Apocalipse, página 49, edição de 1959, do ministro adventista Araceli S. Melo).

No mesmo livro, à página 103, encontramos esta outra citação, de idêntico feitio:

“... a carta apocalítica dirigida à igreja de Laodicéia não tem que ver com aquela igreja, antes assinala a sétima e última etapa da igreja cristã que, tendo seu início em 1844, irá até ao fim ou até à segunda vinda de Cristo em poder e glória.”

São as cartas períodos de tempo ?

Para os adventistas, as cartas não significam nada mais além de períodos da igreja cristã ao longo do tempo. E nós, o que diremos ? Podemos, sem dúvida, alinhar vários argumentos que irão de encontro ao desejo daqueles para

quem as cartas representam apenas períodos de tempo:

1) O próprio endereçamento das cartas é fato elucidativo:

“Ao anjo da igreja que está EM...O que vês escreve em livro e MANDA às setes igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia” (Apc.2:1,8,12,1; Apc.3:1,7,14 e Apc.1:11).

2) Consideremos a carta à igreja de Pérgamo, onde lemos:

“Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o Meu nome, e não negaste a Minha fé, ainda nos dias de Antipas, Minha testemunha, Meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita.” (apc.2:13).

Pérgamo se destacou entre outras cidades da Ásia pelos seus templos pagãos, alguns deles erigidos em homenagem a imperadores romanos. Esculápio, o “deus serpente” era ali adorado com destaque e fanatismo. Daí São João dizer que em Pérgamo estava o trono de Satanás. Se a carta a Pérgamo significasse simplesmente um período de tempo, não teria qualquer sentido o pronunciamento do Apóstolo como mencionado linhas acima. O trono de Satanás, ainda que de maneira simbólica, não poderia situar-se só no tempo, e sim em algum lugar no decurso de certo lapso de tempo. Mas a Igreja Adventista, firmada numa interpretação fantasiosa e autoconveniente, diz que João, ao afirmar que o trono de Satanás estava em Pérgamo, desejou mencionar outra coisa bem diferente. Quis dizer que o trono do mal estava em Roma, pensamento que poderá ser levado a sério por pessoas independentes. Se a carta à Igreja de Pérgamo não dizia respeito à igreja ali existente ao tempo do apóstolo João, e sim ao período que vai de 323 até 538, como aceitar a idéia caolha que o trono de Satanás se situaria em Roma, durante esse tempo, se a própria Igreja admite que Roma só se estabeleceu, definitivamente, como poder eclesiástico e temporal, a partir de 538 ? Os fatos nos levam a crer que a carta à igreja de Pérgamo não tem qualquer relação com período de tempo ao longo da História.

A carta a Pérgamo é o que de fato ela é: uma carta à igreja que estava em Pérgamo. E assim é com as demais.

3) Falemos, agora, de Antipas, nome mencionado na carta à mesma igreja.

Hengstemberg e outros teólogos pensam tratar-se de um nome simbólico. Outros acham que Antipas foi um personagem real que viveu em Pérgamo e morreu vítima de perseguições anti-cristãs. Entre uma opinião e outra, parece-me ser mais razoável acatar esta última, por ser mais condizente com o próprio relato. Nestas condições, resta-nos raciocinar assim: se Antipas viveu no tempo em que a carta foi dirigida a Pérgamo, como pode ela representar o tempo decorrido entre os anos 323 e 538, mais de duzentos anos depois ?

4) Demoremo-nos, em seguida, na mensagem à carta enviada à igreja de Esmirra, onde lemos:

“Conheço a tua tribulação, a tua pobreza, mas tu és rico, e a blasfêmia dos que a si mesmos SE DECLARAM JUDEUS, E NÃO SÃO, sendo antes sinagoga de Satanás” (Apc. 2:9).

Os judeus aos quais São João se refere o eram de nascimento, e não apenas espiritualmente. Segundo vários comentaristas, entre os quais Jamieson e David Brown, em Esmirra os judeus se opuseram decididamente ao cristianismo. Juntaram-se aos pagãos na morte de Policarpo, fazendo o possível para que fosse lançado aos leões. Não o conseguindo, eles mesmos, com as próprias mãos, colocaram lenha na fogueira para que fosse queimado vivo. Perceba, leitor, que na carta à igreja de Filadélfia, que os adventistas dizem representar o período que vai de 1833 até 1844, há igualmente e referência aos que “SE DECLARAM JUDEUS, E NÃO O SÃO.” Muito bem. É o caso de se perguntar:

Lá pelos primórdios do século dezenove havia ainda nas igrejas cristãs aqueles problemas decorrentes de conversão de judeus ao cristianismo ? É claro que não são. Essas dificuldades não chegaram a ultrapassar o século terceiro, dissipando-se com o tempo, o que vem demonstrar que a questão dos judeus mencionada nas cartas às igrejas de Esmirra e Filadélfia era puramente regional. Dizia respeito a problemas locais nas referidas igrejas. Mas para se saírem dessa dificuldade, algumas pessoas de imaginação fértil têm sua própria explicação:

“Não se trata a profecia aqui de judeus segundo a carne, ou a nacionalidade” (A Verdade Sobre as Profecias do Apocalipse, página 100).

Quando há falta de seriedade, há sempre um jeito especial para iludir.

5) Ligue-se bem, leitor, ao que vou acrescentar-lhe agora. Segundo consta da literatura adventista, a carta à igreja de Éfeso abrange o período de 31 até o ano 100 depois de Cristo, e a de Filadélfia corresponde ao espaço de tempo tão bem distanciados um do outro. O primeiro situa-se no século um, e o segundo, no século dezenove. A seguir, com o pensamento volta do para o tempo, pense que Cristo repreendeu a igreja de Éfeso, enquanto que elogiou a de Filadélfia.

Veja bem: se as cartas significassem períodos de tempo, como desejam alguns, então teríamos de admitir que a igreja cristã estaria em situação melhor, do ponto de vista espiritual, no século dezenove do que no século um, o que seria um absurdo insuportável. Ninguém, de sã consciência, concordará que tenha havido menos cristianismo prático na era apostólica do que no século dezenove, já perto dos nossos dias. Sim, porque na época dos apóstolos o cristianismo exalava todo o seu perfume. E a sua pureza era contagiante. Com o passar dos anos, os sutis enganos foram, devagar, sufocando a religião pura. O mal foi tomando corpo, gradativamente, até, que nos dias atuais, o que temos é um cristianismo pobre, sem colírio e sem vestimentas brancas. Se lhe retirarmos o véu, veremos apenas o cristianismo cambaleante entre erros e acertos. È o que sobrou depois de quase vinte séculos.

O tipo e o antítipo

Passemos, agora, para outro ponto igualmente importante. É a preocupação da Igreja em pintar o movimento adventista com as cores da carta aos laodicenses. Era de toda conveniência que a carta à Igreja de Laodicéia fosse o tipo da Igreja Adventista. As características desta precisariam estar evidenciadas na última das cartas, na ordem cronológica das mesmas. E o objetivo desse arranjo tendencioso não é outro senão estabelecer na mente do adepto a idéia obtusa de que a Igreja Adventista é a última como período, profeticamente falando. E se é a última é também a única que cumpre rigorosamente a profecia. Esta ladainha é afirmada tão a miúdo, tantas vezes, que acaba soando aos ouvidos e sendo gravada na mente como a mais

sublime das verdades. É como se fôssemos submetidos a uma lavagem cerebral, à moda das ditaduras de esquerda. E o que acontece ? Justo o que é de se esperar. A vítima torna-se, com o tempo, tão submissa e medrosa que, quando detecta algum desajuste doutrinário, ou alguma falha administrativa na Igreja, reage, automaticamente assim:

Há coisas que não estão certas, mas tenho que aceita-las assim mesmo. Esta é a igreja da profecia. É a igreja de Deus. É a sétima, e não há outra depois dela. É a última. Não tenho para onde ir.

Afirmações deste teor fiz algumas vezes, até o dia em que achei força para espanar da minha mente toda poeira que embotava e obstruía. Muitos têm assumido atitude semelhante, sem, no entanto, encontrarem a via de escape, o que não é nada fácil, pois a catequese é muito bem arranjada para que possam livrar-se facilmente dela.

Como disse acima, buscou-se uma maneira de identificar as características da carta aos laodicenses com as da Igreja. E assim, em benefício próprio, exploram alguns textos da sétima carta, como veremos nos tópicos seguintes. Enquanto isso, o crente simples e sincero é lesado em seus propósitos e na sua consciência. E tudo é feito em nome de Deus e dos anjos.

A mornidão da Igreja Adventista

Bate-se sempre na mesma tecla: Laodicéia é o tipo. O adventismo é o antítipo. O tipo caracteriza-se pela mornidão. O antítipo é igualmente morno. Para identificarem o parentesco, utilizam-se de Apc. 3:15 e 16: “Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente ! Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da Minha boca.”

Este é um ponto bastante visado pelos adventistas, principalmente em seus sermões. Costumam dizer que a Igreja está passando por um período de mornidão acentuada, quase crônica. Mas, no fundo, não é bem isto o que pensam, pois há entre eles um número razoavelmente grande de adeptos ativos, que trabalham até a fadiga. Há também ministros abnegados. Os relatórios comprovam que a Igreja, em matéria de conquista de almas, ocupa

um lugar de destaque. Diante destes fatos, é impossível estabelecer qualquer ligação ou relação entre o que o apóstolo São João diz e a suposta situação de mornidão da Igreja. Diga-se aliás, para completar, que são justo as denominações que mais vivência têm com o engano doutrinário (como o mormonismo, o jeovismo e o adventismo) as que se esmeram no trabalho missionário. É uma espécie de compensação.

A linguagem usada pelo vidente de Patmos, quando emprega os termos “morno”, “frio” e “quente” tem propósito, e faz alusão aos famosos mananciais de águas frias e quentes que existiam em Laodicéia. A ilustração casava muito bem com o estado de tibieza espiritual dos cristãos laodicenses, não se relacionando, nem de leve, com o comportamento espiritual da igreja Adventista do Sétimo Dia.

A riqueza da Igreja

Examinemos Apc. 3:17:

“Pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu.”

Cabe aqui dizer, a título de um melhor esclarecimento, que a cidade de Laodicéia ostentava uma posição de destaque na Ásia, no tocante à suas riquezas materiais. Basta dizer que, tendo sido a cidade arrasada por um terremoto no ano 62 depois de Cristo, fora reconstruída pelos seus próprios cidadãos, sem qualquer ajuda oficial. A riqueza, proveniente principalmente da comercialização de tecidos de lã, de excelente qualidade, levou os laodicenses a um estado de indiferença espiritual de tamanha grandeza, que só o amor (ouro refinado no fogo), a sabedoria divina (colírio) e a justiça de Cristo (vestiduras brancas) poderiam, juntos, reconduzi-los ao estado de equilíbrio.

Torna-se fácil constatar que as riquezas de que os laodicenses se gloriavam eram espirituais. Sua auto-suficiência, porém, era alimentada pelas posses mundanas. A justiça própria é um estado de espírito comum na vida daquele que se encontra em abundância e não sente necessidade de coisa alguma. Assim era a situação dos laodicenses.

Agora, tratemos de colocar as coisas nos seus devidos lugares. Os adventistas se consideram infalíveis em matéria de doutrina. Propalam, sem nenhuma cerimônia, que são os donos da verdade. Aplicam a si mesmos, com a altivez que lhes é inerente, as palavras:

“Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma” (verso 17)

Esquecem-se, entretanto, que os laodicensenses, ao se pronunciarem assim, estavam simplesmente mentindo, pois na realidade eram “pobres”, e não ricos.

Eram ainda miseráveis, infelizes, cegos e estavam nus. Ora, se a Igreja pleiteia para si as cores da carta aos Laodicensenses, então forçoso é admitir que ela, ao se declarar auto-suficiente na questão doutrinária, está se considerando rica e abastada, quando na realidade é pobre, miserável, cega e nua.

O conselho divino

“Aconselho-te que de Mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas” (Apc.3:18).

De conformidade com a descrição acima, a igreja de Laodicéia estava carente de “ouro refinado pelo fogo”, que é o amor pelo qual devemos estar unidos uns aos outros. Esse mesmo amor que, aliado à fé, foi tão fartamente ensinado pelo apóstolo São João e manifestado em sua própria vida. A mesma igreja necessitava de “vestiduras brancas”, símbolo da justiça de Cristo. Finalmente um terceiro ingrediente espiritual estava faltando à igreja de Laodicéia: o colírio para os olhos, que é a sabedoria que vem do alto para iluminação da consciência.

É de supor que lá por volta do ano 100, ou mesmo antes, a igreja de Laodicéia estivesse recebendo forte influência do legalismo judaico, bem como ensinamentos de falsos doutores, visando harmonizar certas especulações filosóficas, vigentes na época, com os princípios do cristianismo, à maneira do que vinha acontecendo com a igreja de Colossos.

Neste particular, a situação das duas igrejas era praticamente a mesma. E isto se torna mais do que evidente, quando se sabe que Paulo recomendou que sua carta enviada aos colossenses fosse lida também pelos laodicenses (Cl. 4:16). Se a carta era adequada às duas igrejas é porque ambas as cidades ficavam próximas uma da outra, de modo que era razoável que pudessem ser mutuamente influenciadas. O fato é que a influência de ensinamentos baseados na justiça humana, no seio da comunidade cristã de laodicéia, estava impedindo que os crentes pudessem ver, com clareza e com entendimento, o real valor da justiça imputada de Cristo, representada, no texto, pelas “vestimentas brancas”. Assim é que o laodicense, orgulhoso e vaidoso, vivendo religiosamente sob a influência da herança judaica do Velho Concerto, arrotando justiça própria, só poderia dizer:

“Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma...” (Apc.3:17).

Torna-se fácil concluir que o conselho divino fora dirigido à igreja cristã que se encontrava na cidade de laodicéia. Nenhuma ligação tem com qualquer período de tempo escolhido arbitrariamente.

O Vômito

Esclarecido este último ponto, é mister que nos inteiremos de um fato de importância capital. Por que estava Cristo na iminência de vomitar os laodicenses de Sua boca ? Porque eram mornos. E a que prática a mornidão os levava ? Entre outras, à prática da mentira, pois sendo pobres, diziam que eram ricos. Eram sim, espiritualmente pobres, espiritualmente cegos, e se encontravam em estado de nudez espiritual, já que desprovidos estavam da justiça de Cristo. A falta de “vestimentas brancas” tornava-os arrogantes, presunçosos e exclusivistas. O texto de apocalipse 3:16 aplicava-se, perfeitamente, à igreja que estava em Laodicéia. Mas os homens perspicazes do adventismo, aqui também, fazem uso incorreto do texto, em benefício próprio.

É curioso verificar que eles vão até o fundo do poço, até as últimas conseqüências, quando analisam o verso dezenove que reza:

“Eu reprendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te”.

É quando aproveitam a oportunidade para fantasiar, de todas as cores

possíveis, os propósitos divinos para com eles, os laodicenses, como costumam designar-se. Mas, quando se trata do verso dezessete, os ministros agem com cautela e parcimônia, sem qualquer aprofundamento, a fim de que sejam evitadas implicações embaraçosas.

O porquê no número 7

Por que exatamente sete cartas, se havia outras igrejas na Ásia ? Diremos que as comunidades cristãs daquelas cidades receberam as mensagens de que necessitavam. Foram palavras de advertência, reprovação, conselhos e estímulos.

Devemos, contudo, levar em conta que o número 7 indica um todo, o que é pleno, completo. Quero crer que as mensagens às sete igrejas eram de tal modo abrangentes, que não podiam deixar de ser, de certo modo, válidas para todas as igrejas da Ásia, como são para cada um de nós, individualmente, nos dias de hoje. Podemos e devemos mesmo extrair delas aplicações pessoais, como temos feito com relação às cartas de Paulo, Pedro e outros. Não nós convém passar por cima de conselhos como este:

“Aconselho-te que de Mim compres ouro refinado pelo fogo...”

Ou de uma promessa como esta:

“Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus.”

O que, todavia, não se pode aceitar, sem contestação, é que se mutile a Palavra de Deus, tirando dela conclusões egoístas para benefício próprio, como fazem alguns.

A promessa é individual

Alegro-me em saber que as promessas contidas nas mensagens às sete cartas são individuais. E nem poderia deixar de ser assim. Por isso, leitor, não faz nenhum sentido uma pergunta como esta:

Para onde irei ?

Há um lugar para onde cada um deve ir, antes de tudo. E esse lugar é o Nosso interior, onde está a nossa mais pura essência. É aí que Cristo gosta de se encontrar conosco. E ele mesmo disse:

“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta,

entrarei em sua casa e cearei com ele e ele Comigo” (Apc. 3:20).

Experimente ler novamente a passagem, mas agora substituindo **alguém** por **o que quiser, casa por mente e cearem com ele e ele Comigo** por **comungaremos um com o outro**, para se certificar mais ainda como é pessoal o convite que nos vem da parte de Cristo. Veja como fica:

“Eis que estou à porta, e bato; o que quiser ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua mente e comungaremos um com o outro.”

De tudo quanto foi dito nas considerações apresentadas, fica mais uma certeza: pertencamos a esta ou àquela teologia, as mensagens das Sete Cartas são como dádivas oferecidas a todos quantos estiverem preparados para recebe-las, pois são, antes de tudo, pessoais. E não perderam sua validade, apesar do tempo.

Conclusão

Finalmente, quero destacar o ponto nevrálgico de toda esta questão:

Porque os adventistas criaram uma tão fantasiosa interpretação para as Sete cartas do Apocalipse, baseada em função de tempos proféticos ?

A razão é uma só: Ganhar e segurar o fiel para todo o sempre. E de que Maneira ? Fazendo-o crer que a Igreja Adventista é a igreja de Laodicéia dos nossos dias. E como esta é a sétima e última, dentro da visão de João, da mesma forma o adventismo é o último e único movimento ao qual o pecador pode agarrar-se se desejar salvar-se para a eternidade. È assim que eles constroem uma prisão qual cerca de arame farpado, tecida com fios invisíveis, em torno de cada membro, da qual só por um milagre ele consegue escapar.

No passado, quando me contrariava com alguma coisa que não me parecia correta, dentro da Igreja, usava um sedativo, em forma de palavras, para me acalmar:

Esta é a última igreja. Não tenho para onde ir.

O método é quase infalível. Por isso, os irmãos adventistas, sinceros e de boa fé dificilmente, deixam a sua comunidade. Eles pensam que esta “última” igreja lhes dará o almejado passaporte para o céu.

E assim, enquanto são muitos os evangélicos que se juntam aos adventistas,

poucos são estes que se aliam àqueles.

A doutrina do adventismo, frágil como nenhuma, é todavia envolvente. A princípio o evangélico “convertido” à Lei não aceita os escritos de Ellen White como divinamente inspirados. Mas, a partir do instante em que a sua resistência é vencida, torna-se um legalista igualzinho aos outros, com todos os indispensáveis adjetivos.

A VERDADE É COMO A CAMA EM NOITES
DE MUITO FRIO. SÓ INCOMODA NOS PRI-
MEIROS MOMENTOS.

22.

O TESTEMUNHO DE JESUS

Ensinaram-me, no passado, que o verso 10 do capítulo 19 de Apocalipse, para ser bem entendido, devia ser comparado com Apc.12:17, o que é verdade. E é o que faremos.

Apc.12:17 reza:

“Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e sustentam o TESTEMUNHO DE JESUS” (destaque meu).

Que testemunho é esse ? Trata-se, evidentemente, do testemunho dado pelos profetas do Antigo Testamento a respeito de Jesus, Seu nascimento, vida, morte e ressurreição.

Vejamos, a seguir, Apc. 19:10, última parte:

“...pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.”

Vamos examinar a expressão “espírito de profecia”. Quem estava por trás de Isaías, Miquéias e outros, quando testemunharam ou testificaram acerca de Jesus ? Quem ? O Espírito de Deus. Os que testificaram a respeito dele, o fizeram movidos pelo espírito que inspira aqueles que profetizam. É o espírito de profecia.

Mas como procedem os adventistas em face desses fatos ? Eles procuram estabelecer uma íntima ligação entre os textos considerados e os escritos atribuídos à Sr^a. White. Para ele, “testemunho de Jesus” envolve ou encerra a obra literária dela. Para facilitar a relação ou o parentesco ilusório, deram aos seus escritos a alcunha de “espírito de profecia”. E para que as coisas fiquem mais bem acomodadas para todos, a expressão “testemunhos da irmã White” é

também muito usada. O propósito é sempre o mesmo: identificar a obra atribuída a ela com os textos em apreço. Essas designações naturalmente “casam” muito bem com o conteúdo dos textos. Não estou propalando nenhuma leviandade. E provo que não, citando as palavras do professor Arnaldo Cristianini, cravadas em seu livro *Sutilezas do Erro*, primeira edição, página 30, onde posso ler:

“O espírito de profecia é o que, segundo as Escrituras, a par com a guarda dos mandamentos de Deus, seria o característico da igreja remanescente.

Compara-se Apc. 12:17 e 19:10, última parte. Este dom consiste precipuamente em dar ao povo de Deus mensagens diretas e específicas, traçando-lhe normas e diretrizes,, dando-lhe orientação e instruções especiais. Esclarece o sentido das Escrituras e confirma a fé. Não substitui a Bíblia nem ensina nenhuma doutrina nova. Os testemunhos orais ou escritos da Sr^a.White preenchem plenamente este requisito, no fundo e na forma” (grifos meus). Só para deixar tudo claro: os adventistas são aos próprios olhos o povo de Deus, a nação eleita, a igreja remanescente. Ninguém mais o é. Para eles, a obra da Sr^a.White, não passa de um engano dos mais grosseiros, um arranjo feio, cujo objetivo é encurralar o neófito de tal maneira que jamais possa tornar-se um crente livre. Visa-se, também, com tudo isso, papinizar a pessoa de Ellen White.

Os escritos dos profetas do Antigo Testamento é que são o “testemunho de Jesus”. Todo mundo conhece esta verdade, negada, em parte, pela teologia adventista.

Ainda que queiramos, não podemos fugir da realidade. Jesus, referindo-se à Lei e aos profetas do Antigo Concerto, disse:

“Examinais as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas que testificam (testemunham) de Mim.” (S.João 5:39).

Por acaso, quando Paulo em Rm 3:21 diz “Mas agora, sem a Lei se manifestou a justiça de deus, testemunhada pela Lei e pelos Profetas”, estava incluindo aí outros escritos, além daqueles deixados pelos profetas da Antida Dispensação ? Nunca. Jesus mesmo disse, conforme Lc.16:16.

“A Lei e os PROFETAS (isto é, os que profetizaram a respeito dele) vigoraram até João” (destaque e parêntesis meus).

Em outras palavras, o que era necessário dizer acerca dELE estava concluído. Nestas condições, incluir os escritos atribuídos à Sr^a.White na expressão “O testemunho de Jesus é o espírito de profecia” só não é uma leviandade porque, antes de tudo, é uma desonestidade teológica.

Agora, leitor adventista, é possível que você esteja na mesma situação em que permaneci por muitos anos. Eu não tinha a menor idéia porque se cometia mais esse desaforo à Palavra de Deus. Só hoje, porque penso sem pressões externas, posso ver o engano em todo o seu tamanho. É que era necessário fazer uma ligação mãos íntima entre Ellen White e a Bíblia. E o texto de Apc.19:10 era indicado, tanto quanto o de Is.8:20. Mas para que o parentesco se tornasse mais próximo, passaram a chamar a obra de Ellen White de “espírito de profecia”. A palavra “profecia” da expressão considerada precisava estar associada à pessoa dela, a fim de que se estabelecesse o entrelaçamento. E assim, e por causa disso, ela é vista pelo adventismo como a única profetisa dos tempos modernos, comissionada pelo Céu para ensinar as verdades eternas aos pobres pecadores da Terra.

E por fim, vem a pergunta mais importante de toda essa conjuntura:

Por que todo esse empenho em vestir o equívoco com a roupagem da verdade ?

O objetivo é sempre o mesmo: manter o adepto sob controle. De fato, ele pode até ter certos atritos com a liderança da Igreja, pode protestar contra atitudes de outrem, mas nada pode fazer além de baixar a crista, conformar-se e finalmente dizer:

Não tenho para onde ir. Esta é a igreja verdadeira. A única que tem uma profetisa. Todas as outras são igrejas caídas.

Confesso que algumas vezes desabafei assim. Hoje, porém, posso admitir que eu era um prisioneiro que, no íntimo, talvez desejasse acordar. Mas na havia quem me desse um empurrão no sentido do departamento. Foi necessário que o Senhor, com a sua infinita misericórdia, me desse uma estranha e curiosa sacudidela. E eu acordei. Um verdadeiro milagre !

“BUSCAI NÃO A FELICIDADE, MAS A

SABEDORIA, E A FELICIDADE VOS

SERÁ ACRESCENTADA” (Shelton).

23.

E ELE NÃO VEIO ...

Pessoas há que preferem ser tapeadas com um engano colorido com as cores do arco-íris do que serem instruídas por uma verdade em preto e branco. È que as aparências sempre enganam.

Neste capítulo eu desejo abordar um desses equívocos coloridos, para que o leitor possa ter uma idéia de como é feita a camuflagem.

Guilherme Miller, baseado em estudos feitos no livro do profeta Daniel, estava convencido da volta de Jesus. Ele conseguiu juntar em torno de si um grande número de seguidores. E entre eles havia nomes de certo destaque, como Josué V.Himes, Josias Litch, ministro metodista-episcopal, Carlos Fitch, pastor congregacionalista, e outros. Juntaram-se também ao grupo James White E Ellen G.Harmon. Estava formado o movimento adventista, que mais tarde se tornaria do sétimo dia.

Em dezembro de 1842, os adventistas, liderados por Miller, determinaram que Jesus voltaria entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844. Chegou o 21 de março/44, e ele não veio. Fizeram outra tentativa. Agora tudo iria dar certo, pois descobriram que haviam cometido um erro de avaliação. A data correta, segundo novos cálculos, seria 22 de outubro do mesmo ano. Haviam chegado à conclusão de que as 2.300 tardes e manhãs apontavam para o décimo dia do sétimo mês (tempo judaico), que corresponderia a 22 de outubro. Era iminente a chegada do Filho de Deus. Ele viria finalmente busca-los. Só a eles. Todos os outros seriam alvos do amor de Deus. Mas o dia chegou, e Cristo não apareceu. Que pena ! Quanto fervor estampado nos rostos de todos ! Quanta decepção ! Muitos, porém, não desanimaram. Continuaram marcando datas. Sim, novas datas. No livro O Grande Movimento Adventista, publicado pela Casa Publicadora Brasileira, de propriedade dos adventistas, em seu capítulo O Grande Desapontamento de 1844, podemos ler:

“Havia muitos entre os primeiros CRENTES ADVENTISTAS que ainda criam

ter havido algum erro nos cálculos da profecia dos 2.300 dias. Estes fixaram OUTRAS DATAS para a vinda de Cristo” (os destaques são meus).

Em traços gerais, nesta base é que foi estabelecido o movimento adventista. Como se vê, em bases falsas. Primeiramente, porque contrariava frontalmente postulados bíblicos, como Mt. 24:36, e em segundo lugar porque partia de uma contagem simbólica para as 2.300 tardes e manhãs.

A lição do desapontamento não parece ter trazido qualquer mudança na conduta ou maneira de pensar dos dirigentes do Movimento. Tudo indica que não havia ficado nenhuma lição de humildade. Senão vejamos: um homem chamado Hiram Edson, na manhã seguinte ao segundo desapontamento, recebia uma “inspiração” do alto, avisando-lhe que o santuário referido na profecia de Daniel 8 estava no Céu. A sua purificação dar-se-ia lá, asseverou o novo “profeta”. E assim aparecia a primeira desculpa para justificar o fracasso. Era necessário que “explicações” fossem logo encontradas, para que não houvesse uma debandada geral. A “visão” de Hiram Edson já era um bom começo. Bem mais tarde, aparecia em O Grande Conflito esta evasiva: “Pela providência divina o povo foi provado em relação ao tempo definido, a fim de que lhe fosse manifesto o que estava em seu coração.”

Como se vê em decorrência da leitura, Deus havia providenciado todo aquele drama para provar as pessoas envolvidas em um engano. E eu pensava que Deus não se utilizava desse tipo de método. È pena que pessoas há que dão crédito a sutilezas dessa natureza.

Mas ainda não era o fim. Outras justificativas apareceriam. Seria, por exemplo, bom que se providenciasse uma que envolvesse até mesmo a pessoa de Guilherme Miller. Ele teria que ser descartado. E o foi. Assim é que, quando alguém acusa os adventistas de terem marcado seguidas datas para a volta de Jesus, eles transferem a responsabilidade para Miller. Sobre este, sim, é que recai toda a culpa. Mas eles se esquecem que Ellen G. Harmon, James White e outros, considerados pais da fé adventista, foram não só colaboradores, como até os herdeiros legítimos do acervo doutrinário de Miller sobre a profecia das 2.300 tardes e manhãs.

Ocorre ainda que seria indispensável um argumento mais forte e convincente para liquidar a questão. Foi quando se recorreu ao trunfo máximo: uma grande descoberta. Ela não seria apenas uma explicação ou justificativa. Seria, antes a razão de ser do próprio fracasso. Seria, pois, de toda conveniência que se encontrasse no Livro Sagrado a previsão do equívoco. Em outras palavras, a própria Bíblia teria que dizer que tudo já tinha sido previsto, com antecedência. E o capítulo 10 de Apocalipse prestava-se muito bem para esta finalidade. E desta forma foi feito. Só não sei dizer, com precisão, de quem partiu a idéia fascinante: se da Sr^a. White, James, Uriah Smith ou outro qualquer. Mas isto agora não é o essencial. O fato é que os adventistas interpretam os versos 9,10 e 11 de maneira tão engenhosa e cavilosa, que conseguem convencer até os mais espertos e cultos estudiosos da Bíblia.

O texto reza:

“Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele então me falou: Toma-o e devora-o, certamente ele será amargo ao teu estômago, mas na tua boca, doce como mel. Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e na minha boca era doce como mel, quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. Então me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis”.

Está vendo, leitor ? O texto presta-se maravilhosamente bem para “ajustar” definitivamente as coisas. A mensagem equivocada que marcava sucessivas datas para a volta de Cristo, estava prevista netas palavras:

“... e na minha boca foi doce como mel.”

A decepção, por sua vez, calhou bem na expressão:

“...quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo.”

Durante quase trinta anos aceitei toda esta dissimulada sangria à Palavra de Deus, como se fosse a mais fina flor da Teologia. Que grave erro cometemos quando aceitamos, sem exame prévio, aquilo que alguns religiosos espertos nos impingem como verdade ! Sobre eles há o peso de uma grande culpa.

Infelizmente vive-se em uma sociedade onde se engana a quem pode se enganar, torce-se tudo, mutila-se tudo, e tudo se faz em favor do estrabismo religioso de homens sagazes, falando em nome de Deus e dos anjos.

Meu irmão adventista, leve em conta que o olhar divino está voltado para você. Não se deixe enganar por mais tempo ! Há muito é chegada a hora de acordar. Será que não dá para notar que tudo isso que você acabou de ver não passa de uma interpretação para inglês ver ?

Eu o convido para, juntos, examinarmos, embora sucintamente, parte do capítulo 10. Veja que o vidente de Patmos presenciava esta cena: um anjo descendo do Céu tinha na mão um livrinho aberto. O Profeta ouve uma voz que diz:

“ Vai, e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e a terra.”

Em visão, o Profeta tomou o livro e o comeu. Na boca doce como mel, mas no estômago tornou-se amargo.

Esta mesma descrição que você acabou de ouvir se encontra também em Ez. 2:8-10 e 3:1-3, como aqui transcrevo:

“Tu, ó filho do homem, ouve o que te digo, não te insurjas como a casa rebelde, abre a boca, e come o que te dou. Então vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro. Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele estavam escritos lamentações, suspiros e ais. Então me disse: Filho do homem, come o que achares, como este rolo, vai e fala à casa de Israel. Então abri a boca, e ele me deu a comer o rolo. E me disse: Filho do homem, dá de comer ao teu ventre, e enche as tuas entranhas deste rolo, que eu te dou. Eu o comi, e na boca me era doce como mel.”

O que significa o fato de haver Ezequiel comido o livro ? Apenas isto: o início de uma vida como profeta de Deus. É evidente que não se engole um rolo de pergaminho. Em João, também, iniciava-se uma nova fase de sua missão profética. Por isso, ele ouviu estas palavras:

“É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (Verso 11).

Como em Ezequiel, o rolo que João figuradamente comeu não continha em si

uma mensagem, embora estivesse escrito por dentro e por fora. Não é apresentada qualquer mensagem específica. Era apenas um convite para que continuasse sua missão profética, o que realmente ocorreu.

E por que o livro era doce na boca e amargo no estômago ? Assim como o mel, sempre doce na boca, pode provocar mal-estar no estômago, fermentando e segregando bílis amarga, de idêntica maneira, as mensagens que o vidente receberia de Deus seriam aceitas por ele com regozijo, como se tivessem o sabor do mel. O seu conteúdo, todavia, poderia acarretar “tristezas, lamentações e ais” (Ez. 2:10, última parte), tornando amarga a vida daqueles sobre os quais recairia o desagrado divino. Daí a comparação. O que passar disto é acréscimo desnecessário.

Quero, prosseguindo, chamar a atenção do leitor para o verso 11 já citado: “É necessário que AINDA profetizes...” (destaque meu).

Quando os doutores da Lei me instruíram a respeito deste versículo disseram que ele se cumpriu após a decepção de 1844, quando os adventistas continuaram anunciando a volta de Jesus, sem todavia marcarem datas. Mas onde está a verdade desta afirmativa ? A quem fora dada a ordem para continuar sua missão profética ? A Ellen White ? É evidente que não. A João tão somente. E o que profetizaria a partir de então nenhuma relação ou ligação teria com os fatos ocorridos em 1843 e 1844. Este ficaram por conta e risco dos participantes do Movimento. Mas veja agora um subterfúgio que a liderança preparou para que o Movimento pudesse sobreviver: João era o símbolo da nova arrancada do Movimento, a partir do último desapontamento. Ele era o tipo. O Movimento, o antítipo. Isso é tão absurdo e anti-bíblico como desejar provar que a água e o vinho são a mesma coisa porque têm um ponto em comum: tomam a forme de vaso que os contêm. Como poderia João representar qualquer movimento religioso se não era um anjo e não fora visto voando pelo céu, tendo nas mãos o evangelho eterno ?

O capítulo 10 de Apocalipse nenhuma relação tem com os erros cometidos a partir de 1843. O que Miller proclamou não se cumpriu. Logo, o que houve foi um falso vaticínio. Neste caso, a expressão: “É necessário que ainda profetizes...” não pode ser aplicada, nem de leve, ao movimento que se

esboçava nos primórdios do século dezenove. Tratava-se de um movimento espúrio. Guilherme Miller, em que pese ter sido um homem bem intencionado e até diligente estudioso das Escrituras, foi um falso profeta. A ele aplica-se Dt. 18:21 e 22. Miller foi falso profeta porque sua profecia era de feitio anti-bíblico, e, por isso mesmo, não poderia cumprir-se. Ele, porém, teve um grande mérito: reconheceu o erro, e voltou para a sua igreja de origem, enquanto que os seus seguidores continuaram e continuam, até os dias de hoje, entregando aos tolos de todo o mundo uma mensagem desprovida de sentido. Estão sempre prontos a dizer que nunca marcaram data para a volta de Cristo. Uma autoridade da Igreja chegou a fazer esta defesa em um de seus livros:

“Fica esclarecido que os adventistas do sétimo dia jamais fixaram data para a volta do Senhor. Quem o fez, na época, foi G. Miller, e era batista. Outros grupos espúrios, procedentes do milerismo, talvez o tenham feito também. Nunca, porém, os adventistas do sétimo dia.”

Por uma espécie de decreto-lei o autor determinou que os adventistas jamais marcaram datas para a volta de Cristo. Mas isto não representa a verdade, como provaremos com a transcrição de alguns trechos do livro O Grande Movimento Adventista. Vamos ao primeiro. No capítulo intitulado A Primeira Mensagem Angélica posso ler:

“Pelo ano de 1840, uma porção de ministros de preeminência abraçaram a causa adventista, entre os quais se achava Josué V. Himes, que se demonstrava ser justamente o auxiliar de que se necessitava.”

“Josias Litch, ministro metodista-episcopal, leu em 1838 as conferências de Miller publicadas em livro. Convencido de sua verdade, tornou-se hábil defensor da causa do advento”.

“Carlos Fitch, pastor de uma igreja congregacionalista de Boston, foi também convencido das crenças adventistas pela leitura das conferências impressas de Miller, no ano de 1838.”

“O grande desapontamento de 1844 foi-lhe (a James White) um golpe cruel, mas apegou-se a sua fé em Deus.”

Não são estes homens considerados pais da Igreja ? Não propalaram eles a volta de Cristo para 1844 ? Não eram todos eles adventistas, como se deduz da

Leitura dos textos ? E como se diz que os adventistas nunca marcaram data para a volta do Senhor ? É verdade que só mais tarde eles se organizaram como igreja, mas não se pode negar que em 1844 já construíam um grupo em ação. Quanto a Miller, reconheceu o erro, ao contrário dos outros, que continuaram laborando no engano. Mas nem por isso podemos negar que o Movimento Adventista nasceu das idéias de um falso profeta. Esta é uma verdade insconteste. E uma idéia falsa não pode gerar senão um movimento igualmente falso.

Mas agora, leitor, é chegado o momento certo para fazermos a pergunta correta:

Por que a Igreja arranhou toda essa frágil interpretação para Apocalipse 10 ? Por duas razões que passo a enumerar. Primeiramente, a Igreja precisava justificar o fracasso. Como não eram cegos nem ignorantes, perceberam que estavam tão loucos quanto Miller quando concordaram com a idéia dele de marcar datas para a volta de Cristo. Mas para eles era bastante duro reconhecer, publicamente, o erro cometido. Era necessário encontrar uma solução estratégica.

Assim é que elaboraram a falsa interpretação de Apocalipse 10, de que já falamos. Em resumo: apanharam as palavras do anjo transmitidas a João, e as transferiram para eles, os legítimos representantes do Movimento. Em segundo lugar, homens espertos de movimentos como este sabem que tão importante como ganhar a vítima é mantê-la segura, sob controle. E como conseguir isto ? Beatificando, santificando e abençoando os próprios erros de maneira velada. Achava encantador quando professores e ministros diziam coisas assim, no passado:

Como Deus é maravilhoso ! Ele já havia profetizado tudo quanto aconteceu em 1844. Seu povo não seria abandonado. Era necessário que acontecesse exatamente assim. O remanescente teria que passar por tão dura experiência. O povo de Deus é como ouro. Tem que ser provado no fogo.

Isto é o que eles dizem. E assim, a Igreja consegue segurar os seus fiéis, como em uma prisão. Por isso, são poucos os que conseguem escapar. Neste particular, os adventistas levam uma visível vantagem sobre os evangélicos que, pelo que sei, não costumam usar esse tipo de desonestidade teológica. Quer parecer-me, leitor, que falta mais grave do que marcar datas sucessivas para a volta de Cristo é reivindicar a aprovação divina para semelhante leviandade. Mas tudo se faz para fixar o crente na Igreja, como um verdadeiro escravo dela e de si mesmo. E tudo é feito em nome de deus e dos anjos. Parece que aos homens importantes do adventismo o que conta é a vantagem, e não a verdade, contrariamente ao pensamento *huxleyano* expresso nestas palavras: “A verdade é mais importante do que o proveito.”

BUSCAI NÃO A SAÚDE, MAS A VERDADE,

E A SAÚDE VOS SERÁ ACRESCENTADA”

(Shelton)

A NEUROSE DA PERSEGUIÇÃO

Para muitos, todos os processos são válidos, quando se trata de salvaguardar os interesses próprios. Entre subjugar a consciência para ganhar vantagens, ou deixa-la livre para receber só o que a vida oferece, eles preferem a primeira situação. É como o pecador consciente que vê o prazer momentâneo, sem avaliar as conseqüências posteriores.

Os líderes do adventismo difundem entre os pobres e indefesos membros leigos a neurose da perseguição, que é uma maneira de tirar vantagens imediatas para a Igreja. Falam de uma perseguição de que serão vítimas, e que, há anos, está se esboçando no cenário mundial. Afirmam que tudo já está em andamento nos Estados Unidos. Ensinam que a propalada perseguição será desencadeada contra eles, justo por serem o povo de Deus, a nação eleita, o sacerdócio real. Conheço irmãos que desejam ardentemente a sua chegada. Em alguns, o desejo chega a ser sádico. Uma verdadeira obsessão. Conheci, no nordeste, um moço crente fervoroso, que me disse, certa ocasião, que estava orando para que logo chegasse a “perseguição”. Certamente, ele gostaria de provar que estava pronto para as suas conseqüências. Chegou a ler um trecho de O Grande Conflito para defender sua esdrúxula tese.

A “doutrina da perseguição” é baseada em Sl. 91:7, II Tm.3:12, Mt 5:10-12 e Apc. 12:17, mas, antes de tudo, apóia-se nos ensinamentos da Sr^a. White.

O objetivo é sempre o mesmo: fixar o crente na Igreja, aprofundando nela as suas raízes pelo medo.

Se o leitor tiver o cuidado de examinar os textos citados, verificará que eles não fazem referência a nenhum movimento específico. Em Sl.91:7 há uma promessa de proteção individual. Em II Tm. 3:12 Paulo fala daquele que escolheu “viver piedosamente”. Em Mt. 5:10-12 Jesus chama de bem-aventurado aquele que é alvo de afrontas por causa do nome dEle. E em Apc.12:17 fala-se dos que guardam os mandamentos de Deus, que os

adventistas determinaram ser o Decálogo do Antigo Concerto, removido e substituído na Cruz.

O quadro geral apresenta-se desta forma: os adventistas do sétimo dia serão o alvo de uma perseguição mortal, em um movimento específico e generalizado, porque são os únicos filhos de Deus. E em toda essa conjuntura o sábado é o ponto nevrálgico. Todos os outros (o que sobra) serão impiedosos carrascos. O verso-chave deles é o de Apc. 12:17. Veja como eles o equacionam, de maneira arbitrária, conforme está no livro *Preparação Para a Crise Final*, página 79, primeira edição:

“O dragão (o diabo) irou-se contra a mulher (a igreja) e foi fazer guerra ao resto da sua semente (o povo adventista do sétimo dia), os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus.”

Leve me conta, leitor, que os parênteses não são meus.

Agora, perceba a sutileza: o neófito é doutrinado de tal forma que entre não ser perseguido, mas não fazer parte da nação eleita, e ser perseguido, mas a neurose começa a se incrustar em sua vida. É um a mais que, como cordeiro, permite seja tosquiado. E um homem assim “trabalhado”, só por milagre pode aceitar uma mudança em sua vida, ainda que para melhor.

A “doutrina da perseguição” não tem apoio bíblico. Ela faz parte da bagagem doutrinária de Ellen White. E tem o mérito de fixar o fiel na Igreja, **peromniasaecula saeculorum**, com as armas do medo.

Os evangélicos conquistados para as hostes adventistas enquadram-se facilmente nessa linha de conduta. E passam a sofrer do mesmo mal: a neurose da perseguição.

“CORREMOS DESCUIDADAMENTE PARA O PRECIPÍCIO APÓS HAVERMOS COLOCADO ALGO À NOSSA FRENTE QUE NOS IMPEÇA DE VÊ-LO” (Pascal).

25.

HISTORIETAS QUE AJUDAM

O amor devia ser a única arma (se é que posso expressar-me assim) para consolidar a posição do filho de Deus no seio da comunidade religiosa. Se ele existisse, na sua plenitude, tornar-se-ia desnecessário o uso de certas astúcias para se fazer aquilo que só o amor consegue fazer.

Na teologia legalista vive-se sempre tão preocupado com os preceitos da Lei, que não sobra tempo para dedicar amor ao semelhante. Era o que acontecia com os judeus. O envolvimento do sacerdote e do levita com as coisas da Lei não lhes permitiu ver o homem ferido à margem da estrada que dava para Jerusalém para Jericó. Eles guardavam a Lei, inclusive o Decálogo, mas não os mandamentos de Deus.

No adventismo não é a lei de Cristo que serve de padrão para orientar e guiar o crente, mas o Decálogo que se insere na lei de Moisés. Por isso, a igreja é carente daquilo que mais necessita: o amor.

Na falta deste, faz-se indispensável o uso de certos processos para fixação do crente na congregação, como os que tenho descrito nas páginas deste pequeno volume. Mas há outros meios. E quero chamar a atenção do leitor para outra maneira **sui generis** de manter o crente em prisão psicológica. Trata-se de historietas especiais exportadas pelos americanos, excelentes para o fim a que se destinam. Elas chegam até nós como se fossem a mais pura das verdades. E aqui desejo referir-me a duas delas.

A primeira fala de um jovem adventista convocado para a guerra como soldado-padioleiro. Não posso precisar se se trata do primeiro ou segundo conflito mundial. O fato é que, em um combate violento, o padioleiro é vitimado por uma bala disparada na direção do coração, sobre o qual repousava a sua Bíblia.

O projétil atinge a capa e acaba se alojando ao lado do verso 7 do Salmo 91. A segunda é igualmente curiosa. Falaram-se dela quando eu estava me preparando para o batismo, em 1954. Foi muito bem encaixada no estudo que me ministraram sobre a volta de Cristo. Esta também foi importada dos

Estados Unidos, e refere-se a dois jovens que viajavam de carro por uma rodovia na América do Norte. Inesperadamente, alguém à beira da estrada faz sinal com o braço, como quem está pedindo uma “carona”. O automóvel pára, e o homem, vestido de branco (este detalhe era mencionado para dar realce), senta-se no banco traseiro.

Os dois rapazes falavam da volta de Cristo, quando o desconhecido os aparteou para dizer:

A volta de Cristo está mais próxima do que vocês podem imaginar.

E no exato momento em que o desconhecido terminava seu prognóstico, os moços adventistas olharam para trás, numa atitude de espanto, e constataram que o banco estava vazio. O passageiro havia desaparecido.

Foram-se muitos anos, e Jesus ainda não voltou.

Nas décadas de 50 e 60 utilizava-se deste segundo relato para ajudar alguns evangélicos a fazerem sua decisão ao meu lado. Mas quanto à segunda historieta não a usei uma vez sequer. Ela me parecia um pouco “cabeluda”. Há outras historietas fantásticas, algumas delas **made in Brazil**.

O objetivo é sempre o mesmo: fazer com que o crente sinta que está no movimento certo, e do qual não pode afastar-se em hipótese alguma.

“A VERDADE É A FILHA DO TEMPO” (A.Gellio).

26.

A PRISÃO PERPÉTUA

Se ao fiel leigo é difícil, quase impossível, libertar-se da carga constante e do bombardeio persistente de doutrinas falsas e informações arranjadas a que é submetido anos corridos, pode fazer-se uma idéia da prisão em que se encontra o ministro assalariado. Este, além de receber o mesmo tipo de pressão, e até com maior intensidade, é alvo de um tratamento que o deixa, para sempre, prisioneiro de uma estrutura, com a qual nem sempre ele se harmoniza, a não ser exteriormente.

Quando os governos ditatoriais desejam perpetuar-se no poder, costumam tomar, como medida básica e prioritária, providências que beneficiem diretamente a classe militar, entre as quais os constantes aumentos salariais. Assim, eles conseguem governar por mais tempo, sem serem incomodados. O mesmo princípio é aplicado pela teologia adventista. Os ministros, sobejamente recompensados pelos seus patrões, estão, com algumas boas e raras exceções, sempre dispostos a bater palmas a tudo quanto se faz, se reafirma e se ratifica, à maneira das ditaduras de direita e de esquerda.

Nas décadas de 50 e 60 era muito fácil saber quanto ganhava um ministro do evangelho. Não se necessitava de nenhuma indagação a respeito. Como ganhavam pouco, eles mesmos propalavam, entre os fiéis, o valor de seu salário. Interessava-lhes dar àqueles a quem comandavam a impressão de abnegação. E muitos deles de fato o eram. Hoje, porém, a situação se nos afigura totalmente oposta. Ninguém sabe quanto eles ganham. Até porque quando lhes fazemos qualquer pergunta nesse sentido, eles dão uns giros em torno da questão, e acabam não dizendo nada, dando-nos a impressão de que eles mesmos, os empregados, não sabem quanto percebem. O assunto passou a

ser segredo de Estado. O que se sabe, no entanto, é que eles são agraciados com uma exuberante e farta mordomia: verba para educação dos filhos, verba para medicamentos e hospitalização de toda a família, verba para aluguel de casa, verba para gasolina e álcool e ainda seguro baratíssimo para os seus veículos. Constantemente, aos mais aplicados e submissos são oferecidos cursos de especialização nos Estados Unidos, com férias extensivas aos membros da família. Esses ministros, ao retornarem, geralmente são peritos em ganhar para o seu lado os cristãos de outras denominações. Na **Andrews University** recebem sempre “novos” estudos a respeito de Daniel 8. E reafirmam sua fidelidade incondicional a Ellen White.

Aos obreiros mais ligados ao esquema, e que dispõem de “pistolões”, além do curso de aperfeiçoamento ministrado por mestres americanos, são oferecidos, também, passeios à Terra Santa para que, ao voltarem ao Brasil, possam dizer aos seus pares e aos fiéis em geral que pisaram na terra por onde Jesus andou e que tomaram banho nas águas do rio Jordão. Para provarem o feito exibem chapinhas comprobatórias. Todos se alegram, e após a reunião, levam para a casa a impressão de que também estiveram nas terras por onde Jesus andou. E tudo é feito com o dinheiro das ofertas do povo.

Um homem com todos esses privilégios dificilmente pode libertar-se.

Submissão é o que lhe está determinado para o resto da vida. Há, contudo, exceções.

Alguns têm soltado seu grito de independência. Outros aguardam uma melhor oportunidade.

Há tempo para tudo.

“HÁ UM LIMITE ONDE A TOLERÂNCIA DEIXA DE SER UMA VIRTUDE” (Burke).

PALAVRAS FINAIS

A você, irmão evangélico, quero encaminhar uma sugestão. Lembre-se da imensurável riqueza de que você dispõe: a graça salvadora baseada na fé em Jesus Cristo, e não em preceitos de um concerto que caducou na Cruz. Não seja tolo a ponto de efetivar uma troca desastrosa. Este seria o pior negócio em toda a sua vida.

Mas é principalmente a você, irmão adventista que encaminhei os capítulos deste pequeno volume. É a você que eu busco, com a ânsia de lhe proporcionar um novo despertar. O que estou tentando é, entre outras coisas, fazer com que você tome consciência de sua real situação.

Nada precisamos fazer, a não ser descobrir a inutilidade daquilo que fazemos. Este é um dos segredos da vida. Na realidade, não precisamos buscar o que é verdadeiro, mas ter a percepção do que é falso.

Consideramos, juntos, alguns temas bíblicos, e você pode ter notado, pela dissertação que apresentei, que por detrás dos ensinamentos que mestres e doutores lhe transmitiram, há uma intenção pré-estabelecida, um desejo a se cumprir, um lugar a atingir. Mas em tudo isso há um estado do que é falso a perceber.

E a percepção é o começo da jornada que nos conduzirá à libertação. E para ser livre você tem que, em primeiro lugar rebelar-se contra as coisas e fatos que não correspondem à realidade que está dentro de sua essência.

Liberte-se, pois, da idéia de que pessoas interesseiras têm algo de bom para lhe proporcionar !

Liberte-se da prisão a nível humano ! Do ponto de vista psicológica você não precisa depender de ninguém. Abandonando toda forma de submissão, você começará a sentir as vantagens de ser livre.

Liberte-se da falsa teologia que procura conduzi-lo para o abismo do medo, da incerteza, da infelicidade ! Como disse alguém, “a vida feliz é a alegria na

verdade.” Só esta deve interessar-nos. Ela nos parece ríspida, mas não o é. Vêmo-la assim por causa da nossa ignorância.

Reexaminar as “verdades” que lhe transmitiram, no passado, é obra indispensável, irmão adventista.

Se não somos capazes de correr o risco de perder amigos privilégios em troca desprezíveis.

Viver para raciocinar, viver para descobrir, viver para corrigir, viver para compreender é vida abundante. Vivendo assim, só se engana quem quer.

E aqui, despeço-me de você, leitor amigo, com estas palavras finais: **Feci quod potui, faciant meliora potentes** (Fiz o que pude, façam melhor os que puderem).

